

BASÍLIO TCHINDOMBE

O QUE A ÁFRICA NÃO DISSE...

Alétra
Coleção

Ficha Técnica

Autor:

Basílio Tchindombe

Editor:

Instituto Nacional do Livro e do Dico – INALD

Copyright:

INALD

Coleção: A Letra nº 32

Capa: EAL – Edições de Angola, Lda

Foto da Capa: José M. Sanches

Execução Gráfica:

EAL – Edições de Angola, Lda

Depósito Legal: 4642/09

Tiragem:

1000 exemplares

1ª Edição, Luanda/2008

NOTA DO EDITOR

“O Que a Africa Não Disse...” é um texto com uma linguagem que se confirma sólida e que se mostra produtiva como texto literário. Tendo Caconda como principal cenário, o autor constrói fluxos no qual se revezam no hibridismo do mesmo tema justapostos, nomeadamente, entre a religião cristã e elementos religiosos das tradições africanas, entre os Bantu e entre o português e o Umbundu, “O Que a Africa Não Disse...” consagra-se também, pela abordagem histórica, domínio do texto, pela criatividade estética num enredo que prende o leitor do princípio ao fim, onde cada personagem advoga pela sua dinâmica um lugar recheado de momentos elevados de sapiência; revela uma África interactiva, filosófica, capaz de negociar em pé de igualdade, até o seu objecto existencial mais sagrado: a fé. “O Que a África Não Disse...” é pois uma nova proposta literária que vem enriquecer as letras angolanas e que por isso mesmo mereceu do júri a atribuição do Prémio Literário António Jacinto 2008.

O EDITOR

DEDICATÓRIA

Começo por agradecer a Deus pela força, inteligência e paciência que me deu para conseguir escrever um trabalho de valor. Agradeço, também, por me ter feito vencedor. Dedico este trabalho e esta vitória aos meus pais, Benjamim e Paulina por tudo que fizeram para que eu seja o que sou; dedico ainda aos meus irmãos e sobrinhos que sempre me encorajaram, Bi, Chico, Zito, Higino, Helena, Toya, Gau, Li, Cindi, Miguel, Nuno, Genilson, Gê, Zitinho, Cris, Vidu, Nadu, Dinha, Adalgisa, Juju, Gaby, Didi, Bibiana, Tininha, Manucha; aos meus amigos Sambeny por manter o contacto e actualizar-me sempre, Rei, Lombe, David, Jaime, Gabriela, Katy, Kiala, Nguelengue, Zacarias, Moisés, Abel Pedro e a todos os professores da Escola de Formação de Professores da Antena Regional Norte da Huíla; dedico, também, a todo o povo de Caconda, pois foi nestas lindíssimas terras onde me inspirei, agradeço e dedico, ainda, António Hossi Gouveia, ao Bernardo Sozinho, ao Abias Octávio pela ajuda generosa na pesquisa da língua Umbundu; ao Professor Abílio Lupenha e sua família, paciente e hábil correcção do trabalho. Pela Como não poderia deixar de ser, dedico, de modo especial. À minha família que extraordinariamente transformam a minha vida em cada dia que passa, as minhas doces filhas Celma e Suridia e Olímpia, companheira de primeira hora e sem a minha esposa dúvida a mulher incrivelmente mais talentosa que já conheci. Termino, pedindo a Deus que olhe para a nossa África, estenda-nos a Sua mão e diminua o nosso sofrimento e a nossa pobreza.

I

1735

O barco era pequeno demais para a grande fé do padre Álvaro que genuflectido no seu camarote orava incessantemente. O jovem padre jesuíta, de vinte e quatro anos de idade, com apenas duas semanas de sacerdócio, dirigia-se para África, terra onde começaria sua missão.

“Rezar muito.”

Foi o conselho que de seus colegas recebeu. A oração era a única arma que levava consigo para se defender dos selvagens africanos, duros como o ferro e impenetráveis, nos quais a palavra do Senhor não penetra, a não ser com o poder da força.

“Evangelizar a África já é um perigo, evangelizar canibais é oferecer-se a um risco mortal”.

Lembrou-se, o pequeno padre, das palavras de um seu colega de formação. Não será fácil cumprir a missão do Senhor, pois onde fora colocado nunca os portugueses lá entraram, os padres que lá foram nunca voltaram, dizia-se que aquele povo era canibal, comiam-se comiam os povos vizinhos. O padre Álvaro estava consciente e bem informado de tudo isto. A responsabilidade parecia grande demais para quem tinha apenas duas semanas de sacerdócio e segundo seus cálculos chegaria ao local depois de dez semanas. Era muito tempo para ganhar alguma experiência.

“Onde buscar alguma experiência? Aqui no barco não há canibais... Deixarei que o Senhor actue em mim e me oriente.”-Pensou o padre Álvaro.

No fim da sua humilde oração, subiu ao convés para encontrar Deus na natureza, naquele sol imenso que o acompanhava em todo o lugar sobre a sua cabeça, fazendo-lhe crer que permanencia

no mesmo lugar, dando a sensação de não haver fronteiras nem limites, apenas o mesmo céu; ao mesmo tempo, observava admirado aquela quantidade de água mais comprida que os olhos.

“Quando chegar vou começar pela construção da igreja. Mas não posso construir a igreja sobre as árvores... Se eles vivem sobre elas obviamente vão obrigar-me a construir sobre elas. Nesse caso terão de dar-me a maior de todas. O melhor é não aceitar. Como vou subir a uma árvore grande se eu não sou macaco? Adapta-te primeiro, converte-os ao Senhor, depois reclama.”

Muitas eram as mudanças que o jovem padre pensava fazer, não sabia, ao certo, se iria falar da palavra do Senhor, da Boa Nova, ou do seu modo de vida, da cultura da sua terra.

II

O padre Perrier, ao ver o seu confrade descer do barco, apertou o rosto de espanto e indignação, pois via um menino, uma criança.

“Não vai aguentar, não vai conseguir.”

O padre Álvaro meio alto e magro, com o rosto liso como o de quem nunca ouvira falar de gillete, parecia um menino de berço; para o padre Perrier era isso mesmo concluir que o jovem acabara a formação, fora ordenado padre e no dia seguinte colocado no barco para Angola.

“Vem do berço, não sabe nada.”

O jovem padre parou em terra observando a pequena cidade que era construída a uma distância de duzentos metros da praia; eram poucas as pequenas casas de madeira. A cidade era habitada por mais indígenas que europeus.

- Bem vindo a Angola, padre – saudou-o não muito contente, o padre Perrier. – Estamos no distrito de Benguela, como vedes há muito por se fazer aqui.

- Muito obrigado padre – disse pousando as malas no chão.

-Que malas tão grandes para um padre?!

- Trago objectos do altar e uma imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus.

- Aí, pelo menos, mandaram coisa boa. Vamos.

O padre Álvaro recebeu a caneca de chá quente da mão do Padre Perrier que explicava a difícil missão que estava reservada ao confrade que acabava de chegar.

- Eu pensei que toda a África fosse canibal - disse o padre Álvaro.

- Na Europa fala-se de muita coisa.

-Então, só existem canibais em Caconda?

- Muitos comerciantes e exploradores provaram que sim – parou hesitando.

– Talvez não seja a hora de falar sobre isso, assistirei o rapaz e poderá, ainda, desistir. Ele não pode saber que lá já desaparecer padres...”

– Tomei conhecimento que alguns padres desapareceram em Caconda. É certo?

A pergunta caiu como um balde de água fria à estratégia do padre Perrier para forçar o novato a não desistir da sua missão; pensou que ele nada sabia da localidade onde iria trabalhar, onde fora colocado desde o dia da sua ordenação. Voltou o olhar para o jovem; depois de um curto silêncio disse:

- Foram quatro padres. O último foi há trinta e sete anos atrás, eu conheci-o. Eu era um rapazito como você. Ele chamava-se Abreu Teixeira, tinha oitenta e oito anos de idade. Insistia que não queria morrer sem conhecer Caconda, queria trabalhar lá, convertendo os canibais. Era tão velho que ninguém queria saber dele. Até que um dia, apareceu um comerciante, vindo de onde ninguém sabia e ninguém sabe até hoje. Conversou tanto como padre Abreu que os dois, no dia seguinte, partiram em direcção a Caconda. Tempos depois apareceram alguns comerciantes Com as vestes do padre Abreu. Disseram que encontraram no corpo de um canibal – parou, bebeu um pouco do seu chá, e numa voz mista de saudade e tristeza continuou – o padre Abreu Teixeira foi comido, Um raio de medo percorreu o corpo inteiro do padre Álvaro, que por instantes, sei mobilizou na cadeira corrida da grande mesa de madeira da cozinha.

“Daqui não saio, se os que lá foram não voltaram, quem sou eu para ter um destino diferente? Eu nunca trabalhei com pessoas normais, como trabalhar com canibais?”

Dirigiu o olhar ao padre Perrier, num tom de assustado perguntou:

- Porque me mandais para a morte?

O padre Perrier olhou aflito para o seu companheiro.

– É a vontade de Nosso Senhor e não queirais desobedecê-la.

O padre Álvaro sentiu o compromisso pesar-lhe sobre os ombros.

“Foi a desobediência que trouxe o pecado ao mundo. Não posso eu desobedecer ao Senhor. Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos! “

Encorajou-se o padre, lembrando-se das palavras de Jesus Cristo, e seu semblante mudou para melhor. O padre Perrier temendo que a conversa em nada ajudasse, pousou a caneca sobre a mesa, levantou-se e saiu dizendo:

– Vamos dormir. Amanhã tereis uma longa viagem.

III

A ideia de partir, na manhã seguinte, para Caconda, a terra dos canibais, não fez o padre Álvaro adormecer naquela que seria a sua noite de descanso da cansa da grande e longa viagem Rebolava na esteira de um lado para o outro. Temia tanto a morte que procurou a insónia como conselheira. Na manhã seguinte acordou tonto de sono, e mesmo tendo lavado a cara, o padre Perrier notou que o seu confrade tinha os olhos pesados e vermelhos de sono. Olhou apenas e nada disse. Depois de tomado o café, dirigiram-se à casa do administrador do distrito. Benguela era uma cidade pequena, com apenas uma rua que separava as únicas casas de madeira dos poucos portugueses que ali habitavam; no fim da rua encontrava-se a Igreja do padre Perrier.

– Sêde bem-vindo a Angola, senhor padre. Eu sou o administrador Amadeu Cornélio – dizia esticando a mão em saudação.

– Muito obrigado. Eu sou o padre Álvaro de Sousa, Jesuíta.

– Como já é do vosso conhecimento, senhor administrador, este é o padre que esperávamos. Como a missão de Nosso Senhor não pode ser adiada, o padre Álvaro pretende partir já hoje.

– Padre, sabeis do risco que ides correr? – Perguntou o administrador.

– Somos padres para sofrer e morrer com Cristo – respondeu calmamente, o jovem padre, para que seu medo não fosse reconhecido.

– Desculpai, padre, minha ingerência. Cá por mim, esperaríeis mais alguns dias. Nós estamos a espera de um contingente militar, já estão em Luanda, para continuarmos a ocupação. Logo que eles chegarem, partiremos para Caconda, pois não é só a Igreja que tem interesses naquelas terras, nós também temos. E não há melhor forma de ocuparmos senão por meio de armas. Assim, padre, podereis exercer o ministério sem risco de vida.

– Eu estou aqui para converter os canibais, se os matardes quem hei-de converter?

– Converterá a nós. Como sabeis, o rei decidiu fazer desta colónia um presidio, em breve teremos aqui os melhores criminosos de Portugal. Não queremos fazer disto uma colónia de bandidos por isso não queremos desperdiçar os padres por causa de indígenas canibais. Não tenhais ilusões padre, este povo só se converte com o bastão.

A proposta pareceu boa ao padre Álvaro que lançou um olhar de consentimento ao padre Perrier. Este rompeu o silêncio vociferando.

– Viemos cá não para negociar, senhor administrador, apenas para nos dar o guia que acompanhará o padre Álvaro até Caconda.

– Apenas quero ajudar.

– Não tendes autoridade para anular a ordem do Papa. Portanto atendei nossa petição – disse o padre Perrier.

– Isto é entregar-se a morte. Padre, não tereis vinte e quatro horas e já estareis morto.

– Quereis, porventura, por limites à providência Divina? – Perguntou o padre Perrier.

– Eu não me responsabilizo por isto.

– O padre Álvaro deverá tomar o seu caminho já hoje.

– Neste momento temos apenas um guia e não posso manda-lo nesta missão perigosíssima. Como sabeis, padre, somos poucas pessoas no distrito e temos de nos conservar. Hei-de ver se com 18 sigo localizar algum indígena que conheça o caminho para acompanhá-lo.

Saiu deixando os dois na sala. O padre Álvaro perguntou desconfiado:

- Estes indígenas não são todos iguais?

- Os que estão aqui já foram educados e baptizados.

– Mas, padre...

– Quereis desistir da missão a que vos comprometestes?

– Não é bem assim...

– Porventura teus colegas que foram enviados à Terra Santa farão menos que vós?

Entrou o administrador com um jovem indígena interrompendo a conversa dos clérigos.

– Este indígena levar-vos-á até junto da aldeia. Depois, padre, caminhareis sozinho.

Voltaram todos o olhar para o indígena.

IV

Um saco Com pequenas provisões para a viagem, uma bíblia e crucifixo era tudo o que o padre Álvaro tinha como O Um bagagem, (as grandes malas ficaram para o padre Perrier). O indígena apertou O Saco Sobre as suas costas enquanto os padres Se despediam.

– Se permanecerdes vivo, procurai escrever-me- disse o padre Perrier já não com tanta confiança, Temia pela vida do mais novo, mas não podia alterar nem desobedecer a ordem do Papa. Por instantes, sentiu-se culpado, pois fora ele que fizera o pedido. Vivia obcecado em chegar a Caconda, para transformar os canibais em homens de Deus. Não conseguiu fazê-lo porque padecia de asma e de um paludismo quase incurável. Chegava a ficar de cama, num mês, entre dez a quinze dias quase mortais. Já não tinha saúde para caminhar tanto. Enquanto o padre Álvaro desaparecia da pequena cidade, o padre Perrier sentia o coração apertado, queria mandar de volta o jovem, anular a viagem, mas era tarde. Entrou e diante do crucifixo pendurado na parede da sala, ajoelhou-se e orou pela vida do confrade.

– Como vos chamais? – Perguntou o padre Álvaro enquanto caminhavam pela mata dentro.

– João Pedro – respondeu o indígena.

– Então, sois baptizado...

– Sim.

– São muitos os indígenas baptizados?

– São, sim.

– Chamais-vos João Pedro. E qual era vosso nome de cão?

– Tchamale Katolo Kayemba.

- O quê? Podeis repetir isto?

– Tchanale Katolo Kayemba.

– Ainda bem que agora tendes nome de pessoa. É impossível repetir o que dizeis.

– É. Agora meu nome de pessoa é João Pedro.

O calor do princípio de Setembro com os seus grandes mosquitos não deixavam o padre Álvaro prosseguir a viagem a um ritmo Normal. Descansava mais e andava menos, o que chateava o indígena. A caminhada apresentava-se penosa íngreme para o padre Álvaro. O guia andava pela mata dentro para que não fossem vistos nem descobertos pelos canibais. Era subir e descer montanhas contornar penhascos e esconder-se de barulhos e ruídos estranhos. O sol estava sobre suas cabeças, deviam ser doze horas, no terceiro dia de viagem.

– Falta muito para chegarmos? – Perguntou o padre desesperado, os seus pés inflamados.

– Falta pouco. Já chegamos.

– Quanto tempo falta?

– Quando o sol chegar ali.

O padre Álvaro viu a mão do guia indicando a posição do sol (no acaso). Entendeu que ainda tinha muito que andar.

– Ah... ah,ah,ah... Gritou o padre de susto ao ver passar a quinze metros de si um enorme leão. O guia escondeu-se, o padre caiu de joelhos e muito assustadamente pôs-se a rezar com o olhar no leão. O guia notou que o leão não os tinha visto saiu do arbusto onde se escondera e puxou o padre para o seu esconderijo. Ficaram ali a observar o leão desaparecer na mata, prosseguindo seu caminho lentamente.

– Padre, quando leão passa, deve fugir.

– Era muito grande, só Deus poderia ajudar-me.

O guia Com sua catana abria caminho na floresta, Fez sinal ao pa-

dre que fizesse silêncio. A mata era tão fechada que os pequenosaios solares do entardecer não iluminavam quase nada, a escuridão era grande. O passo tornou-se cauteloso e silencioso, o olhar do guia era tão rápido que observa à sua volta com muita atenção, parecia que suas orelhas se tinham aberto mais. Foi abrindo as toalhas largas e compridas lentamente enquanto se aproximava. Parou quando seu olhar embateu nos cadáveres nus pendurados nas árvores. O padre Álvaro sentiu-se mal, voltou-se e tirou de dentro de si largos vômitos, Os cadáveres eram indígenas, três homens e duas mulheres, sangravam tanto por entre as pernas que com facilidade se reconhecia que tinham sido violados, antes de serem assassinados. Para o guia o cenário não foi novidade. Baixinho disse para consigo:

- Jagas.

Ajudou o padre a levantar-se, limpou suas vestes com folhas, passaram de lado e continuaram a marcha. Pararam na encosta de grande montanha: já se fizera noite. Acenderam uma fogueira e sentaram-se ao redor.

– Dormimos aqui, amanhã padre vai sozinho, eu volto pra Benguela. Estamos no território de Caconda?

- É. A aldeia fica atrás da montanha.

– Então, vamos para lá agora...

– Não padre. Precisa descansar, se eles quiserem matar padre, não vai conseguir fugir porque tá cansado. Quando sol sair padre vai lá.

– Como são eles?

– Como eu assim. Mas eles não têm roupa de pessoa como a minha – pegou na camisa mostrando – eles usam saias de pele de animais...

Uma dúvida enorme, imbuída num medo tenebroso, passou pelo corpo inteiro do padre.

“Porquê tenho de fazer isto? Ainda tenho tempo de desistir, Eu Vou ser comido? Serei esquartejado aos bocados e assado... Eu vou voltar, trabalhar um tempo com os indígenas normais, aprender a língua deles, conhecer os seus hábitos. Eu nem sei falar a língua deles. Ó meu Deus. Porquê não pensei nisto antes? Não interessa ainda tenho tempo, pela manhã partirei com o guia. Eu irei com ele.”

Milhões de ideias sobrevoavam a cabeça do padre Álvaro: embruteceu-se tão silenciosa e imovelmente que já não ouvia o guia falar. Este juraria de mãos juntas, se lhe perguntassem, que via o coração do padre bater fora do peito, cheio de medo. Afastou-se da fogueira e deitou-se ao lado. Este movimento do guia trouxe o padre do seu assombro, afastou-se, também, da fogueira e deitou-se paralelamente ao guia.

– Padre, se se encontrar com eles não fala nada, só quando chegar na aldeia. – Eu terei de me identificar como padre.

– Não, padre. Fala só quando chegar na aldeia, senão matam o padre já.

– Porquê?

– Não sei.

Agora achou ter razões suficientes para não continuar a viagem; sem praguejar vociferou:

– Amanhã volto para Benguela. Havemos de partir juntos.

– Padre vai desistir?

– Aprenderei primeiro a vossa língua, só depois volto para aqui.

– Boa ideia.

V

O padre Álvaro saiu da sala de leitura, p passou pelo grande corredor do mosteiro, foi até à porta de entrada, abriu, saiu, atravessou o espaçoso quintal em direcção ao gigantesco portão de ferro. Abriu e viu-se entre uma grande multidão de indígenas canibais tentando segurá-lo. Pôs-se em fuga; corria tanto que parecia não se mover do mesmo lugar; os canibais agarraram-no, e levaram-no para a aldeia. Gritava pedindo socorro, mas ninguém o acudia; as pessoas a volta apenas olhavam. Chegados à aldeia, atiraram-no ao chão; dançavam em seu redor, com lanças, flechas, catanas e escudos de pele. Ao lado havia uma enorme fogueira um corpo de mulher no espeto; o padre Álvaro gritava, lutava para fugir mas não conseguia. Um canibal aproximou-se e cotou-lhe uma orelha, levou-a ao fogo, Cozeu-a e rindo de prazer comeu-a saborosamente. O padre Álvaro olhava desesperado, sem esperança de sobreviver; juntou as mãos e começou a orar. Outro Canibal aproximou-se e cortou-lhe um dos braços, cortaram-lhe de seguida uma perna; já não chorava nem gritava, apenas via e consentia; já não sentia dor. Cortaram-lhe a outra orelha. Um canibal pegou sua cabeça e outro com o machado levantou com toda a força em direcção ao pescoço. No brilho do machado via um anjo, e à medida que o machado vinha do alto, parecia um anjo a descer. A aproximação do machado ao pescoço fez o padre ter um sobressalto do seu terrível pesadelo. O sol já era tanto que tapou os olhos com as mãos, limpou a cara, olhou ao seu redor e viu-se entre as lanças dos canibais. Estava cercado.

“O sonho tornou-se realidade.” Pensou aflito.

Os indígenas olhavam atento o padre que se levantava lenta mente, Um dos indígenas falava ameaçadoramente obrigando o padre a andar. Ele nada entendia, bem queria falar alguma coisa, subitamente pensou nas palavras do guia.

“Não fala nada, só na aldeia.”

“Onde estará o guia? Será que o apanharam ou fugiu?”

Os indígenas empurravam o padre, fazendo-o andar. Contornaram o flanco da montanha, seguiam na direcção que recebera para chegar à aldeia de Caconda. Do seu lado direito, a uns trinta metros do caminho, aparecia uma gruta na encosta da montanha, com uma entrada em forma de círculo, parecia mais uma parte da montanha pintada de preto. O padre Álvaro andava boquiaberto, pois viu que era uma gruta diferente das outras, alguma coisa ela tinha de milagroso, pois os raios de sol que Vinham do oriente em direcção à gruta deviam atravessar a entrada e iluminar o interior, o que não acontecia. A clareza de fora findava no limiar da gruta e a escuridão, no interior, começava no limiar da gruta.

“Isto é um fenómeno! Como Deus é grande.”

Mal acabara de pronunciar o nome de Deus sentiu um arrepio, como se alguma coisa saísse dentro de si. Sentiu frio. Não entendeu o que se passou consigo. Olhou em frente e lembrou-se do jeito mais triste de morrer que esperava 26 “Não terei celebrado uma só missa, não terei convertido um só pagão, muito menos terei tomado uma só ceia por mim benzida. Morrerei padre novo.”

Entraram na aldeia e suas pernas começaram a bambolear de medo. A aldeia parou, os olhos dos indígenas acompanhavam o padre Álvaro, que se sentia já morto, Pararam frente a uma cubata razoavelmente maior. O indígena que ia à frente falou para o que estava de guarda na porta da cubata, este entrou e momentos depois voltou. Falou para o seu companheiro e este entrou como padre. Todos os presentes olhavam atentos o padre. O padre Álvaro reconheceu que estava diante do rei da aldeia, pois não só estava sentado na maior cadeira do centro como colocara um pequeno chapéu

semelhante a uma mitra, amarrado com duas penas de ave na parte de trás, formando um v. O rei, homem grande e robusto, vestido de saia de pele, com o tronco nu, levantou-se e aproximou-se do padre sem nunca desviar o olhar. Deu uma volta em torno do padre. Parou em sua frente.

– Sois padre? – Perguntou o rei.

O padre Álvaro não respondeu de imediato pois engasgou-se de surpresa ao ouvir o rei pronunciar-se em Português.

– Sim, Sou.

– Procurais ouro, cobre, prata? – Não. O rei olhou para o

padre tão profundamente que este sentiu roubarem-lhe a alma; segundos depois, o rei fez sinal aos seus guardas para que o levassem.

– Tu wipa kaliyemuele (Vamos matá-lo já) – disse um dos velhos Conselheiros do rei, o velho Tchikola.

– Vamos dar-lhe um tempo – respondeu o rei.

O padre Álvaro tremia ainda mais pois agora estava completa mente certo de que o levavam para a fogueira.

“Porque não falei já ao rei quem sou, o que vim fazer... Sou Doa pessoa, não me devem matar. Porque não pedi ao rei, porque fiquei calado; agora não o verei, que faço?”

Dobraram uma cubata e entraram num espaço livre, parecia uma praça pública. Lá ao fundo viam-se paus deitados no chão em forma de assentos, em frente um pequeno cadafalso, sobre ele um mastro uto alto e na ponta havia uma cruz. Paralisou-se de estupefacção.

O seu pensamento deu mil voltas, compreendeu que estava na aldeia errada, pois era impossível os canibais construírem um altar cristão. Sua alma começou a ficar leve, pois começou a pensar que não morreria porque não se encontrava na terra dos canibais, eles estavam longe dali.

“Obrigado meu Deus. Vou aprender a língua Umbundu aqui, depois vou para Caconda, ao encontro dos canibais. Obrigado meu Deus e meu Pai.”

Aproximaram-se do quintal ao lado, entraram e o padre Álvaro viu, no fundo, um conjunto de casas, parecidas com as do distrito de Benguela, construídas não de pau-a-pique mas de madeira. Da Segunda do lado direito de quem entra, saiu um homem branco, alto e magro, com barbas brancas e longas; aparentava uns cinquenta anos, a sua batina falava por si.

“Um padre?”

Uma enorme alegria percorreu toda a alma do padre Álvaro.

“Não estou só.”

– Soma watuma okuhunena (O rei mandou trazê-lo) – disse o indígena que estava na frente.

O padre silencioso acenou positivamente a cabeça e os homens retiraram-se; pensou:

“Foram à procura de outro padre... se pensam que vão me tirar daqui estão muito enganados.”

– Eu sou o padre Álvaro de Sousa, jesuíta.

– Sou o padre Abreu Teixeira.

Uma tosse dispersa apanhou o padre Álvaro e começaram a chover gotas de suor do seu rosto por causa do susto e espanto ao ouvir o nome, Agora já não entendia mais nada. Sentiu um formigueiro na cabeça, acreditou que estava a enlouquecer.

“Não pode ser. Calma. Se aqui não é Caconda então este não é o padre Abreu Teixeira de quem o padre Perrier me falou. Em Portugal temos muitos Abreu Teixeira, deve ser apenas coincidência de nomes. Não vos assusteis, relaxai, isso, relaxai. Onde é que eu fui ne meter. Não estou a entender mais nada... Pelo tempo o padre Abreu Teixeira de que me falou o padre Perrier já deve estar bem morto. Não confunda.”

VI

Vinde, sentai-vos – disse o padre Abreu Teixeira mostrando o acento corrido no canto do átrio – pareceis muito cansado. Vou preparar-vos um chá muito bom. Pegou uma cafeteira e levou ao fogo, juntou bem a lenha e aqueceu apenas. O padre Álvaro observava o espaçoso quintal com um conjunto de mais de oito habitações, ao fundo o terreno descia a uma pequena inclinação, parecia uma grande lavra. O padre Abreu encheu duas canecas de chá e trouxe um pedaço de pão. O padre Álvaro comia de modo sôfrego.

– Como eles vos encontraram? – Perguntou o padre Abreu sentado do outro lado da mesa.

– Dormia, quando acordei estava cercado deles.

– E onde foi isso?

– Por detrás desta grande montanha que aparece ali.

– Para onde ieis?

– Para Caconda. Estou aqui em Angola há quatro dias. Desembarquei no porto de Benguela, passei a noite com o padre Perrier, no dia seguinte peguei um guia para me levar e parece que perdemos O caminho.

– Não perdesteis o caminho. Estais em Caconda.

O padre Álvaro de Sousa pousou a caneca de espanto.

– Então havemos de morrer?

– Porquê?

O padre Abreu Teixeira estendeu nos lábios um seco sorriso.

– Aqui não existem canibais, como não existe em parte alguma de Angola. O povo de Caconda é canibal.

- Não!? Na Europa não se fala de outra coisa.
- A Europa tem a mania de falar sobre coisas que não conhece. Obviamente, ouvistes mais coisas...
- Que vivem sobre as árvores Com os macacos, dormem com os leões lado a lado, um monte de coisas.
- Nem tudo é verdade. A África é, obviamente, um autêntico paraíso. Não me admiraria se dissessem que Deus viveu aqui S6 lamento que tenha entregue estas terras a estes indígenas sem inteligência nenhuma.
- Talvez tivesse algum plano...
- Obviamente. Que eles guardassem as terras para nós. O padre Álvaro ficou um instante, em silêncio pois as ideias do seu confrade não pareciam convergir com as suas.
- Padre, eu vim em nome da Santa Sé não para matar ou enganar este povo. Recebi ordens expressas, do Papa, de manifestar o poder de Deus a estes indígenas e elevá-los à categoria de pessoas.
- Dizeis isto porque acabais de chegar. Espero que me apresenteis um relatório depois de seis meses.
- “Não terá todo este tempo.” Pensou o padre Abreu, enquanto o padre Álvaro olhava o confrade com mil pensamentos.
- “Será que o padre Perrier se enganou sobre o padre Abreu Teixeira? Será o mesmo ou este é outro?”
- Padre, desculpai-me, mas há quanto tempo estais aqui?
- Há trinta e sete anos.
- Os olhos do padre Álvaro abriram-se mais.
- Sois o padre Abreu Teixeira, o mesmo que...
- sou eu mesmo. Vim aqui levado pela ideia de converter o povo canibal que nunca existiu e não existe. Obviamente e mesmo que vos tiraz cá?

- Sim.
 - Respondeu perplexo pois a descrição dada pelo padre Perrier não correspondia em nada com o que via – Se sois realmente o padre Abreu Teixeira não devíeis estar morto?
 - Porquê?
 - Quando cá viestes éreis bastante velho. Com oitenta e oito anos, como explicou o padre Perrier.
 - É verdade. Agora tenho cento e vinte e cinco anos.
 - Mas Como permaneceis tão jovem?
 - Vós sabeis porquê os caminhos da Europa dão todos para a África?
 - Para converter este povo.
 - Mentira. A verdade é que a Europa descobriu que tem de vir a África para se tornar jovem. O exemplo sou eu, como vedes.
 - Não estou entendendo.
 - Não entendais, observai apenas. A África tem o elixir da vida – disse o padre Abreu retirando-se. Parou, voltou-se: - É melhor descansar, conversaremos mais tarde.
- O padre Álvaro ficou sozinho com muitas perguntas na cabeça. Agora é que vou mesmo enlouquecer.” Sentiu algum a aproximar-se; ao voltar a cabeça viu uma jovem morena com um jarro de água na cabeça; observou atento Deu corpo magro, quase nu, coberto na cintura com uma tanga de pele de onça e um soutien que cobria os geométricos seios. Era tão bonita como uma pintura de arte. A menina aproximou-se de onde se trazia. Ao onde se encontravam os outros jarros e juntou que voltar Cruzou um profundo olhar com o visitante, olho no olho.
- Quem sois vós?- Perguntou o padre Álvaro.
 - Madalena – respondeu tímida com o olhar voltado para o chão.
 - Trabalhais aqui?
 - Humm...

Eu sou o padre Álvaro de Sousa – disse com um pequeno sorriso ao que ela respondeu de igual modo.

Madalena era uma jovem morena muito linda, tinha dezesseis anos, alta, estreita, com uns olhos brancos e cativantes que até um santo se perdia neles. Ela pegou O pequeno saco do padre Álvaro, acompanhou-o e deixou-o no seu novo aposento. Tinha apenas uma esteira no chão com um cobertor; tirou do seu saco o crucifixo e colocou-o na parede. Momentos depois saiu do quarto e foi na encontro do padre Abreu, que se encontrava na horta levantando os tomateiros.

– Devíeis aproveitar descansar um pouco – disse o padre Abreu.

– Quiçá, mais tarde.

– Então, ajudai-me.

– Padre, como permitis uma mulher nua dentro de casa?

– Porque não vos referistes do mesmo modo aos homens que cá vos trouxeram? – Perguntou o padre, desinteressado, enquanto espetava as pequenas varas no solo.

– Homens são diferentes.

O padre Abreu endireitou-se olhou atento o confrade.

– Por acaso sentistes alguma coisa? Pecastes em pensamentos? Ainda não vos alojastes e já pecais.

– Não... é...

– Padre, acompanhai-me ao confessionário.

VII

O padre Álvaro dormiu cedo. Ao cair da tarde seu corpo começou a ressentir-se da canseira da grande viagem. Viu-se passear pela aldeia e dirigiu-se à fenomenal gruta. Mesmo sendo noite, a escuridão da gruta era diferente, era um negro vivo, forte e cativava para junto de si as pessoas que se aproximavam. O padre aproximava-se da entrada, era como se alguma coisa o puxasse para dentro, uma atracção quase sobrenatural. Parou, decidiu voltar, viu da gruta sair um busto, apareceu completo, era alguém vestido todo de preto. Com um capuz que lhe cobria o rosto. Não era possível ver-lhe a Cara. Estendeu a mão para ele chamando-o. O padre assustou-se. Fitou o olhar no estranho, no fantasma e começou a recuar, o fantasma foi-se aproximando mais, o padre tropeçou e caiu; de repente, espantou-se do sono. Levantou e começou a orar.

Na manhã seguinte dirigiu-se à Eucaristia; apenas três pessoas estavam presentes; o padre Abreu que celebrava, o padre Álvaro e um indígena, o sacristão, um jovem de dezassete anos. No fim da eucaristia, o padre Álvaro perguntou ao seu confrade, sacristia:

- Porquê a comunidade não veio à oração da manhã?
- Porque não são baptizados. Apenas este rapaz aceitou ser baptizado.
- Estais cá há mais de trinta anos e só tendes baptizado uma Única pessoa?
- Vociferou o padre Álvaro – Então que fazeis?

O tom de voz não agradou nada ao padre Abreu. “Quê insolência!”

- Há maior alegria no céu por um pecador arrependido...
- Por isto, não exigistes que os indígenas fossem baptizados.
- Este povo tem o coração duro. Estão presos aos seus deuses e não reconhecem a Mãe Igreja.

– Obviamente faltou catecismo. Não ensinastes o catecismo como deve ser.

O padre Abreu olhou seco e sério o confrade e disse:

– Vós sois mais jovem, estais bastante fresco, esta tarefa agora é vossa.

Retirou-se da sacristia deixando o padre Álvaro como que com a palavra pela boca. Este saiu. Andou pela aldeia, formada de pequenas cubatas circulares de pau-a-pique; apenas as do rei e do padre Abreu estavam barradas com argamassa. O olhar dos aldeões abria-se mais quando vissem o padre passar por eles. Cruzou com um grande altar; em volta estavam pendurados crânios de animais; no centro estava pendurado um crânio de pessoa, e havia ossos espalhados pelo chão; uma pequena fumaça saía da pequena fogueira por detrás do altar.

“Obviamente é aqui onde prestam os seus cultos! Que idolatria!” Sussurrou o padre Álvaro. Dirigiu-se à cubata do rei, no palácio.

– Que vos traz cá, padre? – Perguntou o rei diante dos seus conselheiros.

– Eu sou o enviado do Papa para evangelizar o povo de Caconda, ensinar o catecismo para que conheçam Jesus Cristo, o Nosso Salvador.

– O nosso povo aprende o que os nossos antepassados deixaram para nós. Aprende O nosso catecismo.

– O vosso catecismo é obra do demónio, obra de satanás. Tendes de aprender o catecismo do Deus Libertador. O Deus que liberta o homem do pecado e da morte.

– Libertar do pecado; quê pecado?

– Adão e Eva desobedeceram a Deus e com eles entrou o pecado no mundo.

O rei levantou-se aos risos.

– De que rides?- Vociferou o padre Álvaro.

– A mesma lengalenga respondeu o rei sorridente- Esta é a vossa história. Nós também temos a nossa.

– A vossa história, a vossa vida é feita de feiticaria, bruxaria, idolatria tudo manifestações de satanás. Tendes de vos livrar deste perigo antes que seja tarde demais. Deus virá com o seu filho para julgar os vivos e os mortos. Os que vivem na palavra do Senhor irão para o céu e os pecadores irão para o inferno, para o fogo que não se apaga, o fogo eterno. Por isso, tendes de ser baptizados em nome de Deus, ser Seus filhos para que não perca a alma.

– Nós não queremos ser filhos do vosso Deus, porque temos o nosso deus e ele depende da nossa vida. Se nos entregarmos a vós antes da hora morreremos...

Os grandes olhos do grande feiticeiro interromperam o discurso do rei, como que mandando calar-se antes que desse com a língua nos dentes. O rei apercebeu-se da atenção dos conselheiros e mudou imediatamente a direcção do seu pensamento.

– Se nós não formos baptizados o teu Deus não nos poderá condenar, porque não lhe pertencemos.

– O meu Deus é o Deus todo-poderoso, criador do céu e da terra, Senhor de todos os homens.

– Se ele é meu dono porque me pede que eu seja mais d’Ele?

O padre Álvaro ficou em silêncio.

– Como vedes, padre, o vosso Deus é de quem o quer, nós não o queremos, porque temos o nosso que não nos dá direito de escolha, ele nos criou, somos dele e pronto.

O padre Álvaro começou a irritar-se.

– O vosso deus é falso, não é verdadeiro...

Em vão foram as palavras do padre Álvaro; saiu dali com os cabelos levantados, agarrava a batina e dirigia-se apressado. “Hão-de ver. Ou aceitam ser baptizados ou não...”

Chegou junto do altar da comunidade, destruiu tudo derrubou o altar, espalhou fogo em tudo, agia parecia um doido, falando sozinho e baixinho; à volta foram-se aglomerando os observavam apenas e em silêncio. Saiu dali, passou por eles empurrando-os e foi para a casa.

– Que fizestes? – Perguntou o padre Abreu vendo O Seu com- frade respirar fundo e todo sujo.

– Acabei com os deuses deles.

- Não devíeis ter feito isto – retirou-se de junto da presença do companheiro que permaneceu imóvel no átrio, olhou para a cozinha e cruzou com o olhar de Madalena, sentiu um alívio e uma emoção de herói. Madalena voltou-se e continuou mexendo nas panelas. O padre Álvaro saiu dali e fechou-se no seu quarto. Passadas duas horas, Madalena começou a ouvir gemidos vindo do quarto do padre Álvaro. Sentia frio nos membros superiores, parecia que as mãos estavam numa bacia de gelo. A hora do almoço, o padre não conseguia levantar-se do seu leito, gemia de intensas dores, os dois braços começaram a avermelhar-se tão intensamente como o ferro nas brasas de um ferreiro. Madalena procurou pelo padre Abreu que rapidamente correu ao aposento do confrade. Via, calado. Conhecia a doença, seu espanto era a velocidade com que progredia. Falando sozinho-indígenas que

– Padre, ajudai-me – sussurrou o padre Álvaro moribundo.

– Este é muito forte, só eles vos podem tirar.

– O que é isto?

– Tala. Uma mina tradicional.

– Fui enfeitado?

– Obviamente.

– Padre, temos de falar ao rei antes que perca os braços –opinou Madalena aflita.

Como dizem os indígenas “Olya ekepa ketako walikolelako”

(Se comeu então confia no seu ânus). Ele que aguarde, quero ver até onde é capaz. Pensou o padre Abreu Teixeira.

O padre Álvaro gemia, rebojava na cama, corria pelo quarto, pare Cia mais uma criança que um homem. A doença tornava-se cada vez mais grave. Tala. É uma doença constante na região, muitos utilizam este feitiço como forma de Vingança, outros como forma de enriquecimento. Estes, quando se vissem pobres, minavam o amigo, depois vendiam a cura, nem todos possuíam a cura, apenas os grandes feiticeiros. A tala, a mina tradicional, é um feitiço bastante perigoso, ela é colocada num lugar exclusivamente para a pessoa que deve apanhar, se uma outra pessoa pegar primeiro então ela perde a eficácia de matar, torna-se apenas uma doença simples. A pessoa a quem é destinada apanha ou nos membros superiores ou nos membros inferiores. A mina é uma composição dos espíritos e bocados de elementos de todos os animais que ferram, mordem e picam como abelhas, cobras, escorpiões, mosquitos, maribondos, formigas quissonde até facas e agulhas. Assim, as dores dos pacientes de tala manifestam-se como picadas fortes e profundas. À medida que a doença vai evoluindo os membros secam e começam a cair aos bocados, tornando o paciente mutilado. Se o tratamento não for eficaz acelera a doença levando o paciente à morte. O velho, guarda do templo, do altar da comunidade, logo que viu o padre destruir o altar, dirigiu-se à porta de entrada da casa do padre e esfregou o feitiço na porta. Quando o padre chegou a casa abriu a porta e pegou, justamente, no manípulo da porta. Assim, apanhou a tala.

O padre Abreu nada disse e nada fez. Seu silêncio deixou Madalena sem saber o que fazer, pois ela ficou sem saber se o silêncio significava que resolveria o problema junto do rei ou faria as coisas sozinho. O padre Abreu não era amigo do rei, porque este acusou aquele de feiticeiro. Não falavam havia muito tempo. O padre Abreu sabia curar a doença, mas aquela era grave, era preciso a ajuda do rei. Madalena queria curar o padre já; caso não fosse tratado morre-

ria ao entardecer do mesmo dia. Até ao fim da tarde, o padre Abreu não havia decidido nada.

No palácio do rei Etundulo Ekwasama entrou apressado o velho responsável pelo templo, prostrou-se de joelhos, perante o rei. De cabeça voltada para o chão perguntou:

– Wandivilikiya a soma? (Rei, chamaste-me?)

– Tendes de tirar imediatamente o que introduzistes no corpo d padre. Se ele morrer, morrerás também. Kwende (podeis ir) – ordenou o rei.

O velho saiu dali imediatamente.

Osoleka enene ocitunda hu (Protegeis demais este padre) – Disse o grande feiticeiro.

– Ele é a nossa salvação

. – Vanja eci eye walinga? Wanyola etambu lyetu. Eye walisetahãla vosi veyá no kulo okutukemba (Vede o que ele fez! Destruiu o nosso templo. Ele é como todos os outros, vêm aqui só para nos enganarem) – disse o velho Tchikola.

– Vós sabeis que já não temos muito tempo e só um padre poderá nos salvar. Temos de tentar com este.

Os velhos do conselho olharam-se duvidosos. O rei, no centro olhando para a fogueira continuou dizendo:

– Os jagas estão tomando conta do território. As pessoas a corromper-se. Se não fizermos alguma coisa Lúcifer vai vencer.

VIII

Madalena recebeu das mãos dum indígena um pequeno embrulho. Por ordem do velho que guardava o templo da comunidade Caconda. Aquele explicou a Madalena o que trazia e como devia preparar. Eram folhas frescas e algumas raízes que só os velhos conheciam. Madalena suspirou de alívio quando soube que era a cura do padre Álvaro. Preparou rapidamente, deixando tudo o que tinha por fazer para depois. Meteu as folhas na água morna, enquanto pisa va as raízes até ficarem em pó, despiu o padre até a cintura; estava o padre altamente febril e cheio de dores, apenas gemia deitado, não conseguia levantar-se nem mais falar.

“Não amanhecerá o padre há-de morrer.” Pensou Madalena agitada em volta do padre, que tudo fazia para vê-lo vivo.

Pegou as folhas em água morna e começou a massajar os membros do padre, passou também pelo tronco todo. Massageou com força e muita força mesmo, parecia que o padre já estava morto porque não reagia; apenas soluçava pequenos gritos de um grande enfermo. Depois de quase quinze minutos de massagem, esfregou o pó das raízes nos membros e no tronco todo. Voltou a tapar o padre e, de lado, começou a orar. Mesmo não professando o cristianismo, ajoelhou diante do crucifixo do padre. Ali ficou esperando que o tratamento desse resultado. O padre Abreu fechou-se surpreendido o seu quarto, não entendendo porque o velho, guarda do templo mandara o remédio quando ele não fora lá pedir. Atitude que incomodou Madalena, pois pensou que o padre Abreu não gostara da chegada de mais um padre, nem mesmo gostara dele, a ponto de o deixar falecer e nada fazer. O padre Abreu cruzou os braços, parecia que queria o jovem morto para continuar sozinho, como sempre foi. As dores diminuíram tanto que o padre já ressonava um sono saudável; Madalena esboçou um leve sorriso e deitou-se ao lado do

padre até pegar no sono; também dormiu, O padre via-se dirigir para a gruta negra, seu guia misterioso não tardou a aparecer e chamava-o para entrar. O padre olhava assustado ao seu redor. Foi seguindo em direcção à gruta. O guia entrou e desapareceu no escuro da gruta, o padre chegou no limiar e alguma força o puxava para dentro, não conseguia voltar nem parar, apenas continuava. Mexeu-se na cama, acordou e o sonho esvoaçou. Olhou à sua Volta e v Madalena dormir santamente. O padre Álvaro ergueu-se da cama e o pequeno ruído causado ao levantar-se despertou Madalena que se pôs de pé rapidamente.

– Padre, não podeis levantar-vos, tendes que descansar – sugeriu Madalena bocejando de sono.

– Já estou bem.

– Não estais não – insistiu Madalena fazendo o padre deitar-se de novo- Ficai aqui enquanto vou preparar um caldo bem forte.

O padre Álvaro passou o dia no quarto. No dia seguinte Madalena entrou com o pequeno-almoço e encontrou um pequeno embrulho sobre a cama. Curiosa perguntou:

– O que é isto? – Apontava para o embrulho.

– Hoje mesmo deixarei estas terras.

Uma pequena dor de saudade antecipada trespassou o coração de Madalena.

– Não haveis de sair daqui.

– Que hei-de fazer cá se já tendes os vossos deuses?

– Não podeis desistir tão cedo assim.

– Lamento. Porquê perder a vida por indígenas? Vou evangelizar os presidiários em Benguela.

Saiu do quarto e encontrou no pátio o padre Abreu.

– Como vos sentis?

- Com bastante saúde para me ir embora. Hei-de regressar a Benguela.
- Ides embora e quantos deixais convertido? – Perguntou cinicamente o confrade.

Um sentimento de vergonha afrouxou o tom de voz do padre Álvaro. Aquele momento foi uma experiência nunca tida em toda a vida. Pela primeira vez sentiu-se o homem mais fraco da face da terra. Ele fora enviado para Caconda, para evangelizar os canibais porque fora o melhor aluno de todo o convento durante a sua formação. O primeiro na oração, o primeiro nos estudos, o primeiro no trabalho e o mais humilde. Sobre estes requisitos acrescentava-se a obediência que fazia dele o padre ideal. Não só recebia elogios gigantescos dos superiores e do seu bispo como também recebia vénias dos fervorosos leigos. Era tão admirado que em todo o lugar exigia respeito, sentia-se ultrajado quando fosse ferido com alguma falta de consideração, ainda mais quando viesse de alguém inferior a si, isto é, que não fosse padre. Pois, para ele, só o padre, dentre todos os homens, é superior, porque representa o filho de Deus na terra, o Santo por antonomásia, o mais verdadeiro e o mais correcto. Nunca tinha pensado que suas Ideias fossem, um dia, Contrapostas a ponto de desistir de sua mis São. Agora, o tiro que dera voltava para si.

- Perdoai-me, padre.
- E porquê ides embora?
- Tenho fé que serei mais útil noutra aldeia que aqui.
- Achais que hão-de deixar-vos sair?
- Porquê não?
- A última pessoa, há trinta e sete anos, a entrar em Caconda fui eu, agora Sois vós, sois o último. Que eu me recorde, nunca ninguém saiu. Assim como as pessoas não entram também não Saem. Desta aldeia ninguém sai.
- Eu não posso continuar aqui.

- Ganhastes a simpatia do rei, quiçá, sejais a excepção. O padre Abreu falou isso, pelo facto de o padre Álvaro ter sobrevivido. Se mandaram o remédio é porque o rei não queria que ele morresse. Alguma amizade estaria a surgir, o que incomodava o padre Abreu.

– Hei-de falar com o rei agora – disse retirando-se abruptamente.

Madalena não gostou nada da saída do padre Álvaro, esperava que o padre Abreu o convencesse a ficar; mas pelo contrário, em rajou o confrade. Agora pedia a Deus, que o rei não autorizasse, que não o deixasse sair da aldeia, porque ela tanto o queria mas, não sabia porquê. Apenas se sentia bem com ele por perto. O padre Álvaro apresentou-se diante do rei.

– Padre, como vos sentis?

– Vós enfeitiçastes-me – vociferou o padre.

O rei deu um largo sorriso, que deixou o padre Álvaro bastante equivocado.

– Vimo lya male kukalinalulõle – disse o rei assim dizem os mais velhos “quando estais na barriga do outro não vos mexais muito”

– Então, querieis castigar-me?

– Apenas mostrar-vos o poder do nosso deus. Eu não acredito no vosso Deus.

– Então o que significa este saco que levais convosco? Obviamente, quereis partir, abandonar vossa missão, porque... porque tendes medo de morrer. E nisto acreditais seriamente.

– Eu não me vou embora por causa do vosso deus, mas por causa de vossos. É de vós que eu tenho medo.

– Padre, lamento dizer-vos, desta aldeia ninguém sai.

– Vós não podes privar aqui alguém de que não precisais.

– Padre. Nada posso fazer, voltai para casa – o rei não tinha terminado de falar quando entrou um indígena que murmurou algo para ele.

O rei saiu com o indígena; o padre Álvaro acompanhou-os, na praça pública frente ao palácio estava um indígena amarrado num mastro, em volta assistiam os aldeões.

– Vetí (Açoitem-no)- ordenou o rei.

O padre Álvaro reconheceu o jovem que era severamente castigado em pleno dia, aos olhos de todo o mundo: era o sacristão, o único baptizado em toda a aldeia.

O rei volveu a cabeça e viu o padre ao seu lado.

– Padre, Voltaí para casa, havemos de conversar noutra hora.

O rei entrou deixando o padre com as palavras pela boca.

IX

O padre Abreu viu o seu confrade entrar, calmo e aborrecido.

– Esqueceste alguma coisa?

– O rei negou-me – retorquiu chateado. –

– E o que pretendeis fazer?

– Fugirei ao anoitecer. Se quiserdes podeis vir comigo.

– Eu não saio daqui.

O padre Álvaro olhou perplexo o confrade.

– Como não quereis sair daqui?! Estes indígenas não nos deixam trabalhar, nós não podemos parar de evangelizar. Temos de procurar outros povos, outras terras onde seja possível falar da Boa Nova – aproximou-se mais do confrade e sussurrou baixinho – partiremos esta noite e no amanhecer estaremos bem longe daqui. Eles não nos hão-de encontrar.

– Está a chegar o meu dia – dizia o confrade como que sonhado – o dia em que serei o rei do mundo. Todos os homens da terra se ajoelharão perante mim. Eu serei para eles um deus. Por isso, meu companheiro, enquanto esse dia não chegar eu não saio daqui. O padre Álvaro permaneceu atonitamente calado, não entendeu nada, apenas achou que o confrade estava a caminho da loucura.

“Ser rei do mundo, estando aqui em Caconda?! Só pode ser loucura, início de demência. Pelo tempo que está aqui, no meio deste povo, já é demente.”

Retirou-se para os seus aposentos, não tardou Madalena entrou com uma caneca de chá e um pedaço de pão.

– Obrigado.

O padre Álvaro assustou-se com o olhar de Madalena e perguntou vendo-a à volta de si.

– Porquê me olhais assim? O quê foi?

– Não experimenteis fugir, padre. Quem sai daqui sem autorização do rei acaba não encontrando o caminho.

– Como assim?

– Se fugirdes haveis de vos perder na mata, não encontrareis o caminho, vossos olhos somente verão árvores e montanhas. Depois de alguns dias se um animal não aparecer para vos Comer então morrereis de fome.

– Isto é feitiçaria, eu não acredito.

– Padre, quereis partir porque tendes medo do feitiço. O padre Álvaro ficou em silêncio. Era verdade. Ele não queria acreditar na sua existência mas sabia e já conhecia os seus efeitos.

– Eu não tenho medo do feitiço, o que eles me fizeram não foi nada – falou destemidamente como não querendo parecer-se a um fraco. – Eu vou embora porque este povo é mais duro que um metal. Eles não precisam de um padre.

– O rei gostou de vós – disse Madalena esboçando um breve sorriso. – Ficai mais um pouco e vereis que as coisas são diferentes. Eu não quero ver-vos morto.

Trocaram um longo olhar, Madalena voltou-se rapidamente e desapareceu por detrás da porta. O padre recostou-se na parede, pensativo. Desde que chegara nunca se sentira calmo, tudo era estranho, diferente, não compreendia nada. Estava longe do seu mundo. Seu espírito estava bastante agitado. Anoiteceu. O padre Álvaro saiu do quintal e olhou para o mastro da praça; ainda lá estava o indígena. Compadeceu-se muito. Aproximou-se e viu o coitado desfalecer, pensou em desamarrá-lo. Achou que não era a melhor ideia e, dirigiu-se ao palácio.

– ...depois de a lebre e o cágado terem feito o jantar- Contava o rei aos seus meninos de casa, em redor da fogueira -a lebre disse ao cágado:

– Irmão cágado, enquanto o jantar arrefece, vamos cagar primeiro.

para termos espaço suficiente nas barrigas a fim de comermos tudo isto.

– Acho boa ideia.” Respondeu o cágado.

A lebre recusou cinco passos e começou a cagar, o cágado fez o mesmo, mas a lebre disse:

– O cocó de cágado cheira muito mal, por isso vai longe, senão não havemos de comer a vontade.

O cágado obedeceu e foi por detrás de uma árvore e perguntou:

– Aqui estou bem?

– Não. Vai mais prá lá.

O cágado entrou mais para o fundo da floresta e voltou a perguntar:

– E aqui?

– Ainda vamos sentir o cheiro, vai mais para o fundo.

O cágado andou mais para dentro da floresta e perguntou:

– Aqui onde estou ainda sentis?

Depois de a lebre ouvir a voz do cágado vir de tão longe, respondeu:

– Está bom aí.

Enquanto o cágado achava, a lebre pensou:

– Vou comer tudo isto sozinha, quando acabar vou a correr, aquele baixinho de casca, com aquele seu andar nunca mais há-de me encontrar.

Assim fez. O cágado voltou e encontrou as panelas todas vazias, compreendeu que a lebre o havia enganado. Como estava bastante esfomeado entrou pela mata a procura de comida. Andou, andou, andou até um grande árvore, sentiu-se para descansar. Momentos depois começou a ouvir gritos de desespero, gemidos sofredores. O cágado deu a volta e deparou-se com a lebre deitada no chão, que disse:

– Irmão cágado, ajuda-me senão vou morrer. Estou tão repleta que me dói a barriga, não consigo nem respirar nem cagar. A criançada embrulhou-se em longos risos. O rei prosseguiu.

– Este conto nos ensina muitas coisas, mas vamos começar pela mais importante que é a seguinte: a lebre é a mentira e o cágado é a verdade. Por maior ou menor que for a mentira, por mais esperteza que utilizares, a verdade, mesmo lenta e vagarosa, aparecerá. Por isso, meus meninos, da vossa boca só deve sair a verdade e nunca a mentira.

O rei levantou a cabeça e viu na entrada o padre Álvaro.

– Os contos, hoje, acabaram, vades dormir.

Os meninos saíram em correria pela porta de trás do palácio.

– Estais aí há muito tempo?

– Deu para ouvir o conto – respondeu o padre aproximando-se – não sabia que ensinava os contos em Português.

– É uma maneira de aprenderem já o Português, porque o futuro lhes reserva muitas mudanças. Vós estais fazendo tudo para Ocupar as nossas terras.

– Nós não viemos ocupar terras e sim evangelizar, transmitir a palavra do Senhor.

– Isso exige receberem as nossas terras?

– Ninguém está a fazer isso, apenas estamos a alojarmo-nos para podermos trabalhar convosco.

– E as guerras no Congo, na Matamba, em Pungo-a-Ndongo.

– São Comerciantes.

Dentre estes comerciantes estão alguns padres, que nos enganam, afrouxam-nos com a cossa Bíblia e acabam ficando com os nossos haveres; até pessoas tendes arrancado daqui.

– Tem havido consentimento dos próprios reis.

– Aí tendes razão, nós temos colaborado. Por isso, preparo meus filhos desde pequenos para saberem enfrentar-vos e conhe-

cer vossas ideias para que não sejamos enganados por vós. Trocar um homem por um litro de vinho, achais isto correcto, padre?

– Obviamente que não.

– É o que esta a acontecer no norte.

O padre Álvaro permaneceu calado.

– Sentai – Ordenou O rei mostrando o tronco caído.

– Vim apenas pedir-vos clemência pelo nosso sacristão. Ele está a sofrer tanto...

– Na hora do recolher será retirado do mastro.

– Que mal terá ele cometido para receber tamanho castigo?

– Violou os nossos Costumes.

– Que costume é esse, que merece um castigo tão grande?

O rei fez um pequeno silêncio, olhou o padre e disse:

– Apanhou lenha.

O padre caiu num gigantesco espanto.

– Que mal tem apanhar lenha?

– Apanhar lenha é actividade de mulher.

– Ele disse-nos que tem a mulher doente.

– Um homem não deve ter uma mulher só, outras teriam feito o serviço.

– Ele é baptizado. O Cristianismo não permite a poligamia.

– Ele é cristão em lugar e tempo errados. Para nós a mulher deve ser submissa ao homem e suas tarefas, o homem, em nenhum momento, deve fazer.

– Aos olhos de Deus, a mulher é igual ao homem.

– Não. Disse abruptamente o rei como se soubesse de alguma coisa.

– Padre, um homem não deve ter uma mulher só, torna vulnerável, aos poucos a mulher toma conta dele e depois torna-se, ela, a autoridade, o guiado homem. O homem só passa a fazer o que ela acha que deve ser feito. E se ele não fizer teme

em ser repreendido por ela. E quando o homem chega ao ponto de temer a mulher então chegou o seu fim.

– O homem sente medo porque sabe que errou. É como um filho quando erra; tem medo de ver o pai.

– E o que é isso padre, senão domínio? Perdeu o poder e torna se submisso à mulher. E quando isto acontece, padre, a sociedade torna-se um perigo, a mulher faz o que bem entender a ponto de os homens lutarem entre si. E uma sociedade de ódio Os homens procuram mostrar que são mais fortes entre si, rivalizam Tudo isto pelas mulheres... Esta sociedade não queremos.

A conversa alargou-se até à meia-noite, o padre Álvaro tudo fez para o rei mudar de opinião, mas o rei não queria saber de mais na da. Para ele só a sua maneira de pensar era a correcta. O rei acompanhou o padre até à porta, e viu que este não se dirigia para casa.

– Padre, para onde vades?

Parou e voltou-se dizendo:

– Ver o nosso sacristão.

– Vê-lo-á amanhã. Padre, vá directo para casa.

– O jovem está mal, precisa de cuidados médicos.

– Padre, por favor, façai isto amanhã.

– Que mal tem vê-lo agora?

– Não me atrevo a autorizá-lo, padre, a andar fora do recolher. Tal como ao dia trabalham as pessoas de bem à noite trabalham as pessoas do mal.

– Não entendo. Va, apenas, para casa.

O padre permaneceu pensativamente parado, depois de alguns segundos, olhou para o rei e tomou o seu caminho em direcção a casa. Sua ideia de fugir ficou ameaçada, via nas palavras do rei a for-

ça das palavras de Madalena. “...quem sai daqui sem autorização do rei acaba não encontrando o caminho.”

“Aqui tudo é feitiço. Como posso viver com este povo? Mas se conseguir convencer o rei alguma coisa terei feito, Eu só não sei Como estas pessoas pensam. Que convicção a do rei?! Alguma coisa tenho de fazer para afastá-los um pouco dos seus Costumes. Mas no fazer.. Disse o administrador de Benguela que “este povo só e converte com o bastão”. Como pedir apoio se daqui não sai ninguém? Eu prometi escrever uma carta ao padre Perrier, como fazer? Bem que ficaria muito satisfeito e, ainda, contar-lhe-ia que o padre Abreu ainda vive e, mais, que não existem canibais em Caconda. Não acreditaria... Mas como acreditar se eu mesmo não acreditei que o padre Abreu que vejo é a mesma pessoa de que o padre Perrier falou?! Um velho decrépito e trémulo sai de Benguela, vem para Caconda, passados tantos anos encontra-se mais que jovem... Não entendo. Também desde que cheguei aqui que não entendo nada, nada, nadinha de nada. Indígenas complicados com uma cultura bem longe da minha. Eu não entendo a língua deles nem eles a minha. Que faço? Mais valeria se fossem canibais; ter-me-iam comido e pronto. Não estaria a viver este pesadelo...”

– Padre, padre, acordai...

Madalena mexia o padre do seu profundo sono. Espantou-se. Passou a mão pelo rosto, limpou os olhos.

– A oração da manhã – disse o padre precipitando-se da cama. Já passou. O padre Abreu fê-la sozinho.

– Como fui capaz de dormir tanto. Perdi a eucaristia.

O padre Abreu encontrava-se por cima do tecto da cozinha, quando viu o seu confrade passar.

– Para onde vades, padre Álvaro?

– Fazer a oração da manhã respondeu preocupado.

– Combinamos mudar o tecto da cozinha a esta hora.

- Mas...
- Padre, já não é hora de oração, mas de trabalho – vociferou o padre Abreu. – Por isso, vinde ajudar-me.
- Será o tecto mais importante que a oração?
- E será o sono mais importante que a oração? Onde já se viu um padre que dorme a ponto de esquecer que tem de rezar? A não ser...
- Que pretendeis sugerir? Que eu não seja padre? Que eu seja um impostor?
- Eu não disse isso.
- Mas pensou...
- Não é mal pensar. Agora, vinde ajudar-me.

X

A pequena aldeia de Caconda apresentava todos os dias, o mesmo ritmo; parecia que os pequenos acontecimentos se repetiam. Não havia nada de novo. Em quatro dias, o padre Álvaro já ora uma leitura completa da aldeia. Sua convicção em fugir, ainda lhe fervia na alma. Informou-se sobre os caçadores, que saíam todas as noites, com regresso na manhã seguinte. Os caçadores iam à caça não muito longe e, mesmo assim, tinham a autorização do rei. Havia mesmo o cargo, comparado aos dias de hoje, de ministro. O ministro dos caçadores escolhia os seus subordinados e o rei os consagrava. Antes de partirem para a caça realizavam uma cerimónia, uma espécie de festa africana, um ritual com batuques, reco-reco, danças altas e poeirentas e cantos que ecoavam tão alto que parecia ouvir-se a quilómetros de distância. Na realidade o som não ultrapassava o diâmetro de um quilómetro, tamanho real da pequena aldeia, onde viviam aproximadamente quinhentos habitantes. A festa começava ao pôr do sol, os caçadores dançavam até se sentirem cem por cento motivados. Era preciso, diziam eles “apanhar o espírito de caçador”. O ritual parecia mais uma festa de feiticeiros, pois os caçadores passavam entre as pernas do seu grande ministro, de seguida eram aspergidos e pintados com riscas brancas e pretas no rosto. Dançavam, dançavam até parecer estarem bêbados, endiabrados. À meia-noite, os caçadores entravam na floresta e só voltavam ao amanhecer. A carne era dividida por igual para todos da comunidade. Havia um mistério nos caçadores que o padre Álvaro não entendia; até pediu para ser consagrado caçador, não com o intuito de entender o mistério do caçador, mas de partir e não mais regressar, fugir da aldeia. Para Seu desagrado o rei não permitiu. Ouviu de Madalena

que os caçadores por mais longe que fossem não eram vistos por ninguém, nem pelos próprios animais, E eles só voltavam à realidade depois de estarem de volta a aldeia.

“Tudo feitiçaria. Que povo! Huau.. já sei o que fazer” Pensou O padre Álvaro e contou tudo a Madalena.

– Padre, isto é um absurdo, não podeis receber feitiço – disse Madalena pasmada.

– Eu preciso entender este povo, preciso conhece-lo por dentro.

– Isto não é assim como pensais.

– Eu não serei feiticeiro, apenas quero aprender para convertê-los com o seu próprio feitiço ou fugir daqui.

– Quem recebe feitiço torna-se feiticeiro.

– Eu já disse que não serei feiticeiro. Eu só quero aprender a manejar aqueles amuletos....

– Não, padre. O feitiço não são aqueles amuletos. O feitiço é um estado de espírito em que a pessoa se torna ela mesma feiticeira. É como a fé. Será que vossa fé é o terço?

– Não. O terço apenas ajuda a dar força à oração para aumentar a nossa fé.

– É a mesma coisa, padre.

Pensava aflito o padre Álvaro, não encontrava maneira de sair da aldeia. Encontrou um argumento para se dirigir ao rei: “Este povo se continuar fechado está condenado a desaparecer completamente.”

– Para haver desenvolvimento na nossa aldeia temos de esta abertos ao mundo, temos de criar relações diplomáticas com outras aldeias, fazer comércio com outros povos. Esta troca de experiência traz desenvolvimento – disse o padre convicto.

– O que é o desenvolvimento, padre? – Perguntou o rei.

- Desenvolvimento é melhorar as condições de vida.
- Melhorar como, padre?
- Como... por exemplo nós podemos construir uma outra casa para o rei, um verdadeiro palácio como na Europa e não este...
- O que tem de mal no meu palácio?

O padre Álvaro engasgou-se, certamente ofendera o rei, pesou...

- É... é bonito, mas na Europa esta casa é uma cubata e não um palácio de rei...
- Casas como as vossas não podemos fazer aqui. Não temos material.
- Temos muitas árvores, estamos cercados delas.
- Não podemos cortar as árvores. Para onde irão os espíritos que habitam nelas?
- Para outras árvores.
- Não. Já temos um grande problema, não queremos arranjar, outro.
- Como assim?
- O rei da Ganda resolveu cortar as árvores, os espíritos irritaram-se e a aldeia ficou quatro anos sem chuva. Houve muita fome, os animais fugiram para outras terras.
- Mas isto não se deveu aos espíritos...

O padre Álvaro tanto falou que mais uma vez viu o seu intento, voltava para casa resmungando. “Não entendo como este povo se contenta com tão pouco. Não entendo... que cabeça dura!”

XI

Chegou ao palácio a guarda externa da pequena aldeia de (Caconda, o chefe entrou apressado, saudou o rei venialmente, o conselho voltou-se para ele que começou a falar:

– Vacivaka vanilla vo Ciaka (Os jagas tomaram a aldeia de Tchiaca).

O assombro foi tão grande que deixou o conselho temente mente silencioso. Tchiaca era a aldeia que fazia fronteira com Caconda a leste, um dos pontos estratégicos do rei, distava a três dias de viagem. O rei colocara aí um dos seus maiores feiticeiros para impedir que os jagas entrassem e ocupassem a aldeia. O rei soergueu-se com os olhos postos no chefe da guarda externa, o jovem Tchombolola.

– Como foi possível isto acontecer?

O conselho estremeceu de medo ao reparar o quanto o rei se enervara.

– Como os jagas descobriram a aldeia, como foram eles capazes de ver a aldeia?

– Vaponda onganga yetu (Eles mataram o nosso feiticeiro) – respondeu timidamente o jovem Tchombolola.

– Para eles matarem o feiticeiro tinham de entrar na aldeia. Como foram eles capazes de ver a aldeia, entrar nela e matarem o feiticeiro? – Vociferou o rei mais uma vez.

– Vakulihã uluhe yetu (Descobriram o nosso feitiço) – disse calmo O grande feiticeiro do rei.

O rei encheu-se de nervos olhando raivosamente para o seu subordinado Tchombolola.

-A soma, linga ko cimue oco Kavangile ko Nganda ale ko Cilenge (Rei fazei alguma coisa para eles não entrarem na Nganda ou em kilengues) – pedia assustado o jovem Tchombolola.

– Se eles entrarem em Nganda ou em Kilengues estamos perdi dos – disse o rei – Ukulu Kainga kwende ko Nganda, ko Cilenge lin ga umbanda ukwavo kaliye muele oco vak atusinge (Velho Kainga vá a Ganda e Kilengues e alterai o feitiço para que não nos encontrem; agora!, já!).

O grande feiticeiro do rei, o velho Kainga, levantou-se, saiu acompanhado do chefe da guarda externa, o jovem Tchombolola. A missão era alterar o feitiço que protegia as aldeias dos perigosos inimigos, os jagas. As aldeias faziam fronteira com Caconda. Tchiaca a leste, Nganda a norte e Kilengues a sul. Se os jagas ocuparem outras aldeias mais próximas, que faziam fronteira directa com a aldeia de Caconda, então seria mais fácil penetrar na aldeia do rei Etundulu Ekwasama. O velho Kainga, o feiticeiro dos feiticeiros, foi às aldeias e alterou o feitiço, para que quando os jagas se aproximassem da aldeia, vissem, apenas montanhas, montanhas atrás de montanhas, tão altas e impossíveis de serem escaladas. Desse modo, Os jagas seriam obrigados a procurar outros caminhos. Caminhos que jamais os levariam à aldeia de Caconda.

XII

O padre Álvaro dirigiu-se à pequena capela para a eucaristia da manhã. Desde que chegara, faziam cinco dias nunca tinha celebrado uma só eucaristia.

– Padre Abreu permita-me celebrar a eucaristia.– pediu humildemente.

O padre Abreu fingiu não ter ouvido, pegou na casula e vestiu-a. Padre, hoje serei eu a celebrar a eucaristia -vociferou o padre Álvaro.

O padre Abreu lançou um olhar severo ao confrade.

– Não estais em condições de celebrar a eucaristia – disse secamente.

– Como não? – Enervou-se o padre Álvaro – Eu sou padre, não acólito. Tenho o direito eo dever de celebrar a eucaristia.

– Desde que chegastes não mostrastes que estais maduro no caminho da fé, só participastes de uma eucaristia e já quereis celebrar?

– Não foi propositado nem falta de fé.

– Esta é a minha igreja – engrossou a voz o padre Abreu – enquanto cá estiveres terás de cumprir as minhas ordens e os preceitos da Santa Igreja.

– Eu obedeco à Santa Igreja.

– A Santa Igreja aqui sou eu. Se não me obedeceres terei de Os expulsar desta casa. AÍ construireis a vossa igreja e podereis celebrar a eucaristia. E se tal acontecer, escreverei para Roma para que sejais excomungado imediatamente.

– Padre...

– Espero que me tenhais compreendido.

O padre Álvaro saiu sobressaltado da capela, o confrade com o olhar voltado para o altar murmurava para consigo: “Quero ver até onde sois capaz de chegar e o que sois capaz de fazer. Chegastes nada fazeis senão julgar os outros. Sereis vós maior que todos os que cá estão? Sereis vós o nosso deus, a nossa salvação?”

O padre Abreu ficou um instante em silêncio; de seguida repetiu com os nervos a sacudirem as barbas e o cabelo: “Não baptizastes uma só pessoa! Quero ver quantos haveis de baptizar. Haveis de morrer sem nunca celebrar uma missa, uma eucaristia, sem nunca converter um só pagão, sem nunca baptizar ninguém... Quando o meu reino chegar, serei Sua Santidade. Excomungar-vos-ei – O murmúrio se tornou mais audível, a voz mais grossa. – Eu serei Papa, serei infalível. Não tolero que alguém se oponha a mim, que alguém me julgue. Sou infalível, infalível...”

O padre Álvaro fechou-se no seu aposento e não mais de lá queria sair. A sua cabeça quase rebentava quando empurrou a porta por trás de si e se entregou ao leito. Sua dor movia seu corpo fazendo-lhe ver as coisas, em seu redor, moverem-se tão sozinhas como se um fantasma as movesse. Como não acreditava em fantasmas, então, sem estorço nenhum de pensamento, como uma intuição, acreditou, tão simplesmente, que estava a enlouquecer. Minutos depois de se ter apercebido que ainda estava dentro das suas faculdades mentais, apercebeu-se que estava frustrado. Não foi difícil identificar a origem da frustração. Os minutos que lhe antecederam, o pequeno mas grande acontecimento, pequeno pois durara pouco, grande porque capaz de matar um homem, levá-lo -ia ao suicídio, pois o fundamento da sua vida, o sentido do seu existir lhe fora retirado, Chorava amargamente, como se o céu deixasse de ser azul, como se o Sol, repentinamente, deixasse de nascer no oriente, como se o vermelho se transformasse em verde;

Como se a cor da vida tivesse sido outra, diferente daquela que cada um de nós conhece. E não poderia ser outra, pois tudo o que era lhe fora retirado.

“O que será de mim? Eu não posso continuar aqui no meio de loucos. Meu Deus, ajudai-me, como poderei viver como padre se não baptizar, se não Celebrar a eucaristia, não ensinar o catecismo? Quem serei eu, como viverei? Pensava que só este povo não me entendia, até o padre Abreu não me entende, ele que devia estar do meu lado, apoiar-me, também está contra mim. Porquê este novo é tão agarrado aos seus costumes? Minhas palavras esvoaçam-se como a chuva em tempos de ventos fortes. Acreditam mais nos seus deuses, nas suas idolatrias e não reconhecem a verdade em mim, nos meus actos e nas minhas palavras... Ah!... Se eu pudesse sair daqui, livrar-me deste lugar cheio de feiticeiros e demónios...”

Todo dia não saiu do quarto, ali ficou consumindo seu pranto, o almoço e o jantar foram-lhe servidos, tal como seu nariz não sentiu o cheiro da gostosa refeição, assim também seus olhos não viram os belos pratos. Nada mais fazia sentido. Deitado no seu leito adormeceu. No dia seguinte, abriu a porta, sentiu seu estômago esvair-se e curvar-se apertadamente e dirigiu-se à cozinha. Os aposentos estavam dispostos pelo quintal de forma que ao se Sair dos quartos de dormir para a cozinha intermediava a casa de banho. O padre Álvaro ao passar não resistiu à forte tentação de parar. Aquele corpo nu era tão atraente que parecia um anjo. Madalena tomava banho com a porta aberta. Risos desconstruídos se escreviam nos lábios do padre Álvaro. Uma emoção estranha possuiu seu corpo. Paralisou-se. Madalena levantou a jarra e despejava água no seu corpo meigo, passava suas mãos sobre seu corpo como os braços de um escultor sobre sua obra. Um pensamento a velocidade da luz, percorreu-lhe a cabeça. “Se não posso ser padre, dela me apossarei.”

Seu pensamento não terminara quando sentiu um calor forte desde as mais ínfimas partes do seu corpo às maiores. Madalena voltou-se e cruzou o olhar com os olhos bem abertos do padre Álvaro. Este baixou o olhar para o chão. Um sentimento de vergonha apossou-se dele. Saiu dali sem nada dizer. De novo fechou-se no seu aposento sem querer comer nem ter contacto com ninguém. Madalena preocupada correu ao encontro do padre Abreu.

– Padre, por favor, falai ao padre Álvaro que coma, pois está a prejudicar a sua saúde.

– Ele é adulto, sabe o que faz respondeu-lhe desinteressado.

– Ele está a morrer – insistiu Madalena numa voz comovente.

– Não será o primeiro. Além disso, ninguém morre de fome em quarenta e oito horas – respondeu retirando-se insensivelmente. Madalena baixou a cabeça chorando.

XIII

Padre, tendes de sair desse estado - disse Madalena que de tanto bater lhe fora aberta a porta.

– Para quê? Perguntou o padre abatido e fraco.

– Tendes de ser forte.

– Eu sou padre, não sirvo aqui. Apareci aqui no tempo errado. Um povo que não precisa de padre porque já tem os seus deuses... – fez um longo silêncio com o rosto enfiado na cama, virou-se – eu não sou útil aqui, não presto aqui. Já que não sou preciso, nem me deixam ir embora ao menos deixai-me morrer...

As lágrimas de Madalena atravessaram o seu rosto e espalharam-se no chão. Bem queria aproximar-se dele e fazer carícias nos seus cabelos, mas rapidamente pensou que estava diante de um padre. Saiu chorando. No dia seguinte, a notícia chegou aos ouvidos do rei.

O padre Álvaro está maluco, só olha para as coisas e nada diz apenas esboça um pequeno sorriso.

O rei preocupou-se, queria o padre vivo e bem consciente. Dirigiu-se à casa dos padres. Parou, no átrio, frente ao Abreu; olharam-se nos olhos.

– Como vos atreveis a entrar em minha casa? – Vociferou o padre Abreu.

– Vossa casa está na minha aldeia – respondeu o rei.

– Vossa aldeia – espreguiçou um pequeno sorriso – por enquanto.

– Não tendes tanta esperança, padre.

– Não sejais tolo. Sabeis melhor que ninguém que não tendes esperança alguma. Nada fazeis senão esperar a hora do meu reinado. Eu serei rei do mundo. Acabarei com a vossa raça de africanos inúteis, hereges, pagãos e transformarei esta terra num paraíso, onde viverão os eleitos.

- Falais com tanta certeza...
- De que terei medo? Da vossa única esperança, este coitado mais negligente que uma mula? Não tendes outra opção senão vergar-vos perante mim.
- Vós estais a estragar o rapaz.
- Vós é que estais atirando ele contra mim.
- Não quero ouvir-vos mais. Onde está ele? – Disse olhando à volta de si.
- Achem-no – respondeu caturramente o padre Abreu.

Este não gostara da visita, pois desde que aí chegara nunca ti vera uma visita do rei. Uma certa antipatia resfriava a relação entre ambos. Qualquer orientação do rei era recebida pelo padre Abreu por mensageiros, nunca tivera um encontro de mais de dois minutos Com o rei e quando acontecesse, apenas, conflituavam nas ideias. “O rei vem à minha casa por causa deste pequeno padre; pensa que juntos me vencerão. Estão perdidos e enganados.” Aborreceu-se, o padre Abreu.

Madalena entrou com O rei no aposento do padre Álvaro. Este olhou demorada e possessivamente Madalena como se esta tivesse entrado sozinha.

- Tunda (Sai) – ordenou o rei a Madalena.

O padre Álvaro levantou-se sob o olhar inflexível do rei. Estava abatido, Seu corpo magro tornou-se mais esguio, seu rosto menos animado.

- Padre que fazeis de vós?
- Quero morrer. De nada me adianta viver.
- Ainda não tendes dez dias aqui e já perdestes a esperança? Que pouca fé!

O padre Álvaro baixou a cabeça, meio humilhado. Uma onda de silêncio dominou por instantes o aposento. O padre sentiu uma

certa calma e apercebeu-se de que ficava mais à vontade junto do rei do que com o seu confrade.

– Padre, sabeis que o demônio nós apanha pelo olhar, que os olhos são a sua porta...

– Porquê disto?

– A maneira como olhais Madalena amolecer-vos-á a ponto de vos corromperdes.

– Eu olho para ela sem interação, apenas me admira a forma como ela se preocupa comigo. Não vos esqueçais que sou padre.

– Espero que assim seja. Pois, se tiveres alguma intenção hás-de ver-nos com o pai.

– Obviamente, não viestes cá para falar do meu olhar por Madalena. Que vos traz cá?

– Padre, como são mesmo os palácios dos reis na Europa?

Padre Álvaro estremeceu de alegria, pois agora faria qualquer coisa. Construiria o palácio do rei. Estaria mais tempo com eles e quem sabe chegaria mais perto e descobriria uma maneira de convertê-los. Aí mesmo recorreu ao rei, falou tanto que ficou, no fim, sem saber se o rei entenderia. Ao fim da tarde, depois de o rei se ir embora, o padre Álvaro era outra pessoa. Tomou um longo banho que pela demora parecia estar levando também a alma. O padre Abreu não gostou e se perguntava constantemente. “O que terá dado o rei ao padre Álvaro?”

XIV

O padre Álvaro dirigiu-se a capela. Enquanto orava, as palavras do rei passavam-lhe Constantemente pela cabeça, distraíndo-o do seu propósito.

“Se tiveres intenção há-de ver-vos com O pai.” “Parece que o rei reconhece e acredita no meu Deus. Acho que ele tem fé em Deus e alguma coisa faz com que ele não demonstre, mas no fundo ele sabe que eu estou certo. Senão ele não diria que me hei- -me de ver com o Pai. Ele falou isso porque sabe que eu sou padre e não posso envolver-me com mulher senão Deus, nosso Pai, castigar-me-á. Não posso perder a esperança. Madalena tem razão, posso conseguir alguma coisa. Devo continuar a tentar.”

Quando saiu da capela cruzou com Madalena no átrio, um pensamento relâmpago atravessou sua mente....há-de ver-vos o pai.”

“Não. Não pode ser... será que o rei se referia à Deus ou ao pai de Madalena?”

Apareceu o padre Abreu que lhe perguntou:

– O que o rei queria de vós?

O padre Álvaro olhou o confrade como se não quisesse responder.

– Que Construa um palácio de rei como os da Europa. Os olhos do padre Abreu abriram-se de espanto. “Como tem Coragem de construir um palácio se em breve expulsá-lo-ei destas terras?”

– Pensou.

– Fareis?

– Obviamente.

– Além de negligente na oração também sois pouco inteligente. Bem me pareceu que vossas palavras eram frescura académica. Para aquilo que sois de verdade, eles não precisam de vós e utilizam-vos

Como arquitecto. Eles usar-vos-ão para engrandecerem O Seu reino no fim que será de Vós?

– Eu não penso como vós, padre. Eu aceitei para estar mais junto e mais tempo com eles. Assim vou-os conhecendo, descobrindo os seus pontos fracos e os seus pontos fortes. Enquanto estiver com eles vou-lhes falando do catecismo. Um catecismo ali. Ado aos trabalhos que farei para eles. Direi que tudo é obra de Deus. Farei um luxuoso palácio, farei a água do rio chegar e circular dentro do palácio, mandarei fazer cama para o rei, construirei casas de banho em todos os quartos, construirei salas de jantar e de reunião diferentes, altos corredores, espaços de lazer e salas para eles contarem suas histórias. Farei muitas coisas para agradar o rei e direi que o meu Deus é criador de tudo. Tenho fé que aos poucos vá ganhar a sua confiança.

– Não sonhais, padre. Nada fareis a este povo. Eles não servem para nada. Quanto mais fracos eles forem melhor para nós.

– Eu não permitirei que tal aconteça. Eu não serei Jean Mussein. Vim aqui em nome de Deus e da Santa Igreja para ajudar este povo e não para aproveitar-me da sua fraqueza para destruí-lo. Não quero tirar vantagens nem proveitos, apenas cumprir a justiça de Deus.

– Eles escaparam matar-Vos e ainda assim acreditais neles? Estes são hipócritas... Olhai para mim, Deus deu-me o poder para não morrer enquanto não converter este povo. Fez-me imortal, deu-me O elixir da vida para que enquanto este povo permanecer fecho do eu não morra e tudo faça para convertê-los. É o que estou fazendo e vós não sabeis nada, vindes com vossas ideias opondo Vos a mim, a quem Deus e a Santa Igreja confiaram esta missão.

– Eu não me oponho a vós...

– Então. Ficai do meu ado e obedecei-me. Se vos aliardes a mim pedirei a Deus que vos faça imortal, como eu, e vivereis centenas de anos. Não percais tempo com estes pagãos, pois chegará a hora em que não terão como negar a conversão. Este é o plano de Deus. Nessa altura, tudo será nosso.

– Vós não falais como padre...

– Não tenteis contrariar-me. Vós não fazeis nada, apenas quereis ser dono de tudo, de tu do. Apossar-vos destas terras e deste povo... Dizeis que sois dono da Igreja e ainda sonhais com o papado.

– Não duvideis de mim.

– O que me incomoda em Vós é como pensais demasiado nas coisas do mundo, nos bens materiais...

– Quando chegar a hora, vereis com os próprios olhos. O Padre Abreu retirou-se. Madalena e o padre Álvaro olhavam -se calados.

– Porquê os padres discutem? – Perguntou Madalena.

– Porque são homens.

– Homens diferentes que não deviam discutir.

– Nossos objectivos são diferentes. Há alguma coisa no padre Abreu que eu não consigo entender, parece querer outra coisa tão a verdadeira conversão deste povo, “Ele parece ter razão. Para que Deus fê-lo viver mais tempo?” Pensou o Padre Álvaro. Padre, quem é Jean Mussein? – A pergunta afastou o padre de seus pensamentos.

– Era um homem muito rico que queria ser dono do mundo. Já tinha tudo, faltava-lhe apenas uma pequena quinta, onde vivia um pobre homem com sua família, sua mulher e três filhos, mais dois bois, seis galinhas e quatro patos e um cão. A casa era tão pequena que viviam todos debaixo do mesmo tecto. Dormiam com os

bois, as galinhas, os patos e o cão. Sua lavra não dava nada, suas colheitas estragavam-se sempre. Seus bois, que lhe davam leite, adoeceram e morreram; seus filhos começaram a adoecer até morrer um deles, ficaram apenas dois. Passavam fome e estavam constantemente doentes. Até que um dia conheceu um homem que pro mete resolveu-lhe todos os problemas caso ele vendesse a quinta. Este homem chamava-se Jean Mussein. O pobre homem não aceitou. Vendeu duas galinhas e comprou insecticida para higienizar a casa dos percevejos, pulgas, piolhos e carraças e todo o tipo de insectos que os mantinha sempre doentes. Tanto pulverizou a sua casa, que não encontrou o efeito que esperava. Os insectos multiplicaram-se, a doença aumentou, perdeu mais um filho. Os patos morreram. Era preciso comprar mais medicamentos, mas não tinha mais o que vender. Jean Mussein voltou a insistir tantas e tantas vezes, e o pobre homem não aceitou. Morreu a mulher. Ficou ele e um filho apenas, que muito insistiu com o pai para vender a quinta. O filho ficou doente e como ele não queria perder mais este filho, e com medo de acabar ficando sozinho, negociou a quinta e mudou-se para outro lugar, numa luxuosa casa onde pagava rendas a Jean Mussein.

– Não entendo. Onde está o mal de Jean Mussein?

– As coisas foram acontecendo como se fosse ordem da natureza, mas não foi assim. Jean Mussein armou tudo, Os insecticidas e pesticidas que o pobre homem comprava eram feitos para que a doença se alastrasse mais e não para acabar com ela de uma vez para sempre. Os medicamentos eram feitos não para curar, mas apenas para adormecer a doença por um tempo, depois voltava Outra vez. Eram ordens de Jean Mussein. O que fazia dele rico e sempre mais rico. A mulher e os filhos morreram porque se alimentavam de restos de farelo contaminados por Jean Mussein para que adoecessem e comprassem medicamentos a ele. Desse modo, continuariam eternamente pobres. Assim conseguiu comprar

a quinta que fez dele o dono do mundo e o mais odiado. Nem tudo o que vemos é o que parece. Muitas vezes, fazemos somente o que outros querem que a gente faça, seguimos planos obscuros.

– O padre Abreu não é assim – disse intrigada Madalena.

– Não é fácil aperceber-se. Quando fiquei doente, ele nada fez para que eu melhorasse, ele nada faz para este povo, e, não só, ele sonha em ser dono de tudo isto. Obviamente, tem algum plano...

XV

Madalena dirigir-se em direcção ao seu quarto e o padre depois de hesitar nas ideias disse: Madalena, permita-me fazer-vos uma pergunta? Madalena consentiu Com um aceno de cabeça.

– Quem é vosso pai?

– Não sei. Não conheci.

– E vossa mãe?

– Morreu quando tinha sete anos e desde aquele momento passei a viver com o padre Abreu.

– Os meus sentimentos...

Fizeram um breve silêncio, segundos depois Madalena desapareceu por detrás da árvore grande do quintal em direcção seu quarto. O clérigo quase não dormiu, tentando esclarecer uma dúvida que lhe parecia uma forte arma para convencer o padre Abreu a autorizá-lo a celebrar a eucaristia. Esta pulga por trás da orelha só outra pessoa poderia resolvê-la. Quem poderia ajudá-lo? Não encontrou outra pessoa senão o rei. Na manhã seguinte dirigiu-se ao palácio. O rei foi avisado de que o padre queria falar-lhe. Mandou-o entrar. O padre aguardava enquanto o rei terminava de resolver mais um problema da comunidade. Mesmo não entendendo a língua, o padre entendeu o veredicto final. O casal que se prostrava junto do rei, levantou-se e retirou-se. O padre Álvaro apressou-se na palavra e perguntou:

– Será que dissolvestes O casal?

– Eles não se merecem.

– Pelo rosto triste do homem e as lágrimas da mulher é fácil entender que se amam de verdade.

– A mulher pode amar de verdade o homem, mas o homem não, porque não é a única, Mas o porquê de eles não ficarem jun-

tos. É de âmbito sexual – o rei esboçou um pequeno sorriso – um padre não entende estas coisas.

Pela maneira como o rei falou um pequeno nervosismo abalou o padre Álvaro, mas preferiu nada falar, pois já se habituara ao gozo desde o princípio da formação.

– Não sei, mas posso saber. Já começo a entender que funda mentais quase tudo à base da sexualidade.

– Hei-de explicar-lhe. Sentai-vos, padre. Ora bem, todos os povos praticam o sexo com o fim de se procriarem. Um lar feliz tem de ter muitos filhos, mas muitos. Além deste ponto, bastante fundamental para o africano, também fazemos sexo por prazer. A satisfação tem de ser para os dois, principalmente para a mulher. Porque quanto mais satisfação a mulher recebe mais amor dá e quanto menos satisfação recebe menos amor dá. Eu já falei ao padre que a mulher pode suscitar no homem um sentimento de fraqueza e, quando isto acontece, o homem passa a fazer somente a vontade da mulher. Torna-se inferior:. E isto não é bom. Durante o acto sexual o homem preocupa-se mais com a satisfação da mulher e esquece-se de si. Deve preocupar-se com ela, mas não como sentimento de fraco. E o acto sexual sem vontade própria nem consciência de si não é acto sexual, não é momento de prazer. Porque o prazer é emoção. E a emoção é irresponsável. Quando o acto sexual se realiza com consciência de responsabilidade, isto é, com medo de não satisfazer a mulher, isto não é prazer. E se não é prazer não é sexo.

O rei silenciou seu discurso olhando para o padre como n professor olha para os alunos depois de sua exposição.

– Ainda não entendi porque o casal não pode ficar junto...

– Vou explicar-vos uma crença nossa. Padre, onde se fundamentou a separação do casal. Nossos antepassados nos explicaram e deixaram-nos o seguinte: Um homem alto não pode casar com uma mulher alta. Um homem baixo não pode casar com uma mulher baixa. Ambos não podem ter a mesma altura.

- A busca e preservação do equilíbrio natural não pode sobrepor-se ao amor dos homens – disse abruptamente o padre.

O padre Consentiu sem nada dizer.

– O problema reside na natureza do órgão sexual. Um homem alto tem um pénis longo e estreito; uma mulher alta tem uma vagina pouco profunda e larga; um homem baixo tem um pénis curto e largo; uma mulher baixa tem uma vagina muito profunda e estreita. Durante o acto sexual o órgão sexual dilata. Se um homem alto casa com uma mulher alta a desproporção continua. O pénis estreito e longo do homem alto jamais cobrirá a vagina larga e curta da mulher alta, porque dela também dilatará. Isto não significa que ela nunca terá satisfação, mas as vezes que terá não serão muitas. Serão muito menos e essas vezes não terá satisfação. E nas poucas vezes em que terá satisfação terão os dois de desenvolver um esforço muito grande, terão de procurar condições que originem satisfação. E esta luta na busca de prazer é muitas vezes mais cansativa que o próprio acto sexual, pois é mais física que espiritual. Por isso, se respeitamos a vontade natural e não nos deixarmos enganar pela beleza da mulher alta e magra podemos ter uma vida sexual normal. Satisfação sem desgaste físico, apenas emocional, isto é, que é prazer, é que é sexo.

– Esta vossa crença é um mito. Não está provada cientificamente, por isso, não pode ser tomada como verdadeira.

Padre, a nossa ciência é natural. Olhe, padre, quantos casais O Vivem tanto tempo sem problemas? E pena que não tenhais experiência de confissão.

O padre Álvaro sentindo-se ofendido, vociferou:

– Nem sempre a experiência dita a verdade, basta um esforço da razão e acabamos por compreender. Por isso, não é preciso ter experiência de confissão para entender que esta crença se reveste de uma lógica aparente. Isto é uma falácia.

– O que é uma falácia?

– É um pensamento que parece verdadeiro mas é falso.

O rei deu uma gargalhada tão alto que o padre Álvaro entendeu como se estivesse a ser zombado.

– Padre, por isso é que sois padre, para perpetuar valores que desconheceis.

O padre Álvaro sentiu-se como que humilhado pela maneira como o rei manifestou a sua convicção. Mais uma vez sentiu-se um peixe fora da água. “Não vai ser fácil persuadir este povo. Tenho de viver mais tempo com eles. Este processo tem de ser lento. Não entendo como é que estes, vivendo nos dias de hoje, têm um modo de vida, igual aos de seus antepassados há mais de dez séculos atrás?” Pensou.

XVI

Padre, o que vos trouxe cá?

– Não sei se devo perguntar, pois não quero ser mal entendido – gaguejou o padre.

– Somos amigos, padre.

– Depois da ultima conversa que tivemos nasceu em mim uma inquietação e, crio, só o rei me poderá ajudar.

– Estou a ouvir-vos, padre.

– Nesta aldeia ninguém entra e ninguém sai. E se, porventura, alguém entrar, não sairá...

– Obviamente.

– Pelo que sei, eu fui o último branco entrar e o penúltimo branco o padre Abreu. Poderia o rei dizer-me se, realmente, não entrou mais ninguém entre o padre Abreu e eu e se não saiu mais ninguém?

– Ninguém entrou ninguém saiu.

– Enterraram algum branco...

– Os únicos brancos sois vós.

– Não saiu nem entrou nenhum indígena?

– Ninguém.

– Sendo assim só me resta crer que o padre Abreu é pai de Madalena. Porque as características físicas de Madalena indicam que a mãe ou o pai é branco. Se os únicos brancos que aqui vivem sou eu, recém-chegado. E o padre Abreu, só me resta crer que, pelo tempo que o padre Abreu se encontra nestas terras tem idade suficiente para ser pai de Madalena, já que ela só tem dezasseis anos.

O rei concentrou-se admirado no discurso lógico do padre.

- Agora, rei, podeis dizer-me se estou errado?

O rei levantou-se, deu dois passos para frente, e numa voz alegre disse:

– O que acabais de dizer é a mais pura verdade. Madalena é filha do padre Abreu.

O padre Abreu tendo tanto acreditado quando estava na dúvida, não queria acreditar agora, que tinha a certeza plena.

– Mais verdades saberíeis, padre, e teríeis visto com os próprios olhos se a altivez não vos dominasse. Desde que chegastes não repousastes, não perguntastes, não conhecestes as pessoas, os costumes, a aldeia, apenas queríeis impor-vos. Agora sim, vejo que estais vendo e apercebendo-vos do mundo que vos rodeia. Ainda muito mais verdades sabereis.

– Como quê?

– Cada coisa na devida altura.

XVII

Voltou precipitado para casa, foi direito à cozinha, Madalena ainda lá estava.

– Onde está o padre Abreu?

– Aconteceu alguma coisa?

– Não.

– Onde está?

– Não está a se sentir muito bem, fechou-se no seu quarto. Sentai-vos, padre, para que vos sirva o almoço. O padre silenciosa e lentamente sentou-se, sem nunca retirar o olhar de Madalena. E linda. Muito parecida com o pai. Não sei como não me apercebi antes. Não era preciso perguntar, basta olhar para ela.” Pensou.

– Aqui está.

– Obrigado.

– O padre Abreu pediu para avisar-vos para preparar os bois, para amanhã charruar aquele lado do rio.

– Hei-de charruar sozinho?

– Não, vem um rapaz. O vento descobertou a capoeira, o padre terá de fazê-lo esta tarde.

– Aqui faz muito vento. Temos de apostar em construções mais seguras. O padre Álvaro por instantes esqueceu-se que estava comendo. Paralisou-se com o olhar no rosto de Madalena. Esta sentiu-se pouco à vontade.

– O que foi, padre?

– Nada.. não é nada.

O padre sentiu uma atracção nunca antes vivida. Começou a se Sentir bem. Estava duas vezes melhor. Queria saber porque, mas não entendia.

“Talvez porque minha vida de padre acabou e o padre Abreu não poderá me repudiar porque ele também fez o mesmo e, obviamente, deve continuar a fazer. Se não está fechado com uma mulher no quarto, a esta hora..”

– Padre, porque um padre não pode ter mulher?- Perguntou Madalena do outro lado da mesa. O padre Álvaro deu um gole na caneca de água, pois achou que Madalena estivesse a ler os seus pensamentos.

– Porquê um padre tem de viver a castidade.

– E porquê o padre deve viver a castidade?

– Para servir melhor o Senhor, entregar-se sem reservas.

– E agora que já não sois padre podeis ter mulher?

– Eu sou e continuarei sendo padre, mesmo não exercendo as minhas funções. Porquê perguntais? -É mau perguntar?

– Não. O padre Álvaro não duvidou que Madalena o queria como esposo, razão pela qual perguntou.

“Posso não ser esposo dela, apenas amante. Havemos de nos encontrar, somente, algumas vezes. Quem irá me repudiar se o padre Abreu faz o mesmo? E isto nunca chegará à Santa Sé, pois ninguém sairá daqui para levar a informação..”

Acabou de almoçar, não mais esperou e voltou ao palácio do rei O meno intuito de recolher dois indígenas para o ajudarem a montar tecto da cozinha; encontrou o conselho reunido e o rei pediu que ele ficasse, e ordenou a dois indígenas que fossem reparar o tecto de capim. O conselho estava sentado em círculo, o padre sentou-se ao lado do rei que ordenou à senhora que trouxesse a cabaça de

Bebida e que servisse. Ela pegou na cabaça e entregou ao conselheiro mais próximo. Este bebeu e entregou ao outro, que bebeu e passou para outro e assim sucessivamente; o padre Álvaro acompanhava atento o beber de cada um, via a cabaça chegar junto de si. O rei bebeu e passou ao padre que hesitou em receber, lançou um olhar rápido ao conselho e viu que o olhar de todos incidiam sobre si, recebeu e deu um gole rápido, descrevendo um rosto de nojo. A cabaça passou por todos. De seguida o rei ordenou que um dos dois velhos, o da direita, o velho Kalombola, o outro o velho Kavimbiko, que se encontravam no centro do conselho, os primeiros a beber da cabaça, se pronunciassem.

– Ondaka ndanena, a soma, a yehi: ukulu Kavimbiko wamina omola wange, eye okwete no ekwi atatu kulima (O que nos traz aqui, rei, é o seguinte: O velho Kavimbiko, ao meu lado, engravidou a minha filha, que só tem treze anos) – disse o velho Kalombola.

– Ukulu Kavimbiko, walikapa lo mola ly’ukulu Kalombola? (Velho Kavimbiko, vos envolverdes com a filha do velho Kalombola?) Perguntou o rei.

– Vosi vakasi kulo vanditetele, mba ndakala laye (A todos os que estão aqui as minhas desculpas, realmente envolvi-me com ela)- respondeu o velho Kavimbiko.

– Oci eci walinga? (Sabeis o que fizestes?) – Perguntou o rei.

– Ndici, a soma(Sei, rei). Ukulu Kalombola, oyongola ndati? (Velho Kalombola, que quereis que se faça?)

– Ame su yongola oco akale ndatembo yange, omo umandjange noke ukulu (Eu não O quero como genro, pois além de meu irmão é muito velho) – respondeu peremptório o velho Kalombola.

– Nda ame muele nda ameko ndu tava ko muenho wange, momo ndakala laye (Se sou o pai ou não eu a assumo na minha vida, pois me envolvi com ela) – disse duvidoso o velho Kavimbiko.

O velho Kalombola voltou-se contra o velho Kavimbiko e disse rancoroso:

– Ove umandjange, tate yove la tate yange valikwama pekosi, Ove watunda kulume, ame ndatunda kulume, oco tulinga ndati? Nye walikapa laye? (Vós sois meu irmão, o vosso pai e O meu pai seguem-se, assim faremos como? Porquê vos envolverdes com ela?)

– Eye wandikuama (Ela é que se interessou por mim).

– Aiiii....- Gritou o velho Kalombola contorcendo-se no acento de nervos, de seguida disse – a soma ndisie no oco nduimbe umbanda umwe akuti... (Rei, permita-me só que eu o enfeitice..)

– Não posso autorizar tal coisa – disse o rei.

– Pwayi, a soma, tulisuta no kamwe oco olonyengo vyange vitepulukemo (Então, rei, permita que eu lute com ele, só para diminuir os meus nervos).

– Noke, tukala ndati? (Depois, ficaremos como?) – Perguntou o rei

– Ame ndikala no lomola wange, u su yongola ale (Eu continuarei Com a minha filha, não o quero como genro).

– Ene? (E vós?) – Perguntou o rei.

– Kakwete ekandu (Aceito) – respondeu o velho Kavimbiko.

– Nda eci oyongoli, cilingiwa (Se quereis assim, assim será) – disse o rei.

O conselho levantou-se começaram a sair, dirigiram-se para fora, para a espaçosa praça frente à casa do rei. Os dois velhos de quase sessenta anos colocaram-se no centro, frente a frente para o forte duelo. O velho Tchikola ordenou o início do combate. Os dois luta dores entregaram-se ferreamente corpo a corpo. Para o padre Álvaro, no princípio, parecia mais uma dança que uma luta de verdade, pois os lutadores saltavam e não utilizavam os pés, somente as mãos.

Admirou-se quando viu ecoar o som estrondoso e forte das duras chapadas. Os lutadores manejavam muito habilmente as mãos, procurando atingir a cara com muita rapidez. O velho Kalombola vencia, pois dava mais chapadas e acertava em cheio na cara do adversário.

– Que luta é esta? – Perguntou o padre.

– Kambangula – respondeu o rei.

– Kambangula! Nunca vi luta igual, só se usam as mãos para dar chapadas.

– Este estilo já está a sofrer algumas alterações. Alguns jovens já utilizam os pés e fazem cambalhotas no ar.

– Porquê ele tem de saltar?

– É necessário para apanhar bem a cara do adversário, padre.

– Não acha que já deviam parar? O outro velho ali vai ficar sem a cara, está a levar muito fortes chapadas.

– Só mais um pouco, padre.

O padre assistiu alegre e preocupado pois o velho Kavimbiko estava a ser seriamente enxovalhado. Os estalidos fortes das chapadas arrepiavam o olhar do padre. O velho Tchikola ordenou que a luta terminasse. Separaram os lutadores e os levaram de volta para dentro do palácio do rei; depois de um repouso de quase quinze minutos, os dois lutadores colocaram-se no centro do conselho.

– Kaliye katukwete vali ocitangui, ukulu Kalombola kwende lomola wove, ukulu kavimbiko kala muove. Siti ca yevala? (Agora, já estamos entendidos, velho Kalombola tome a vossa filha e ide para casa, velho Kavimbiko colocai-vos no vosso lugar. Estamos entendidos?)

– Twaciyeva (Estamos entendidos) – responderam os velhos concomitantemente.

– Kaliye tunua, oco katusimi vali eci capita. Neni ocimbombo (Agora Vamos beber e esquecer o que aconteceu, Tragam bebida) – ordenou o rei.

O padre pensou que seria apenas um simples brinde, mas contrário, a festa prolongou-se até ao fundo da noite. Os dois luta dores conversavam e riam juntos tão alegremente que espantou o padre Álvaro.

Durante o resto do dia não vira o padre Abreu. Acordou cedo e dirigiu-se à capela onde o encontrou já vestido para começar a eucaristia da manhã.

Quando viu o padre Abreu aproximar-se do altar gritou:

– Não vos aproximeis do altar...

– Que dizeis? – Perguntou o padre Abreu perplexo.

– Como vos atreveis a blasfemar o altar do Senhor?

– Não digais blasfémias.

– Quê blasfémia? – O padre Álvaro irritou-se – Vós não sois casto. Sois pai de Madalena e ainda vos aproximaís do altar?

– Que dizeis? Isto é falso.

– É verdade...

– É falso. Foi o rei quem vos disse isto para nos ver lutando. Para que entre nós não haja união e poderem dominar-nos, controlar -nos...

– Não tentai escapar. Mesmo que este fosse o objectivo, é verdade que sois pai de Madalena. Isto é que importa. Eu não vou permitir que profaneis o altar do Senhor com vossas mãos sujas. Sois impuro.

– Este altar é meu. Quem manda aqui sou eu.

– O ímpio não manda na casa do Senhor.

– Vejo que fostes enfeitiçado pelo rei. Havereis de vos tornar seu escravo; farão de vós um indígena igual a eles.

– Não fui enfeitiçado.

– Como podeis saber... Eles dão-vos sem que vos apercebeis. Este rei tentou e tenta acabar com esta igreja, mas nunca conse-

guiu nem nunca conseguira. Agora que aparecestes está a utilizar-vos para ver se consegue, mas o Senhor é forte e está comigo. Não vou permitir que acabem com a pequena semente de cristianismo que aqui se implantou. Nem o teu rei nem vós. Foi muita luta, muita oração, coisa que não fazeis. Não admira como a vossa convivência com os homens do demónio foi tão rápida. Isto revela a vossa pouca fé. Tendes cá oito dias e só uma vez participastes da eucaristia. Que tipo de padre sois? Ao invés de escolher a mim como orientador escolheste um pagão, um ímpio, um promotor satanás.

– Chega – gritou o padre Álvaro que começou a sentir uma dose de culpa.

– Deixai-me falar.

– Confessai que sois pai de Madalena.

– Não deis ouvidos ao demónio.

– Confessai que sois pai de Madalena..

– Escutai-me...

– Madalena é filha de um branco e de uma indígena. Ela tem dezasseis anos. Os únicos brancos nesta aldeia só somos nós. Eu não tenho cá um mês, mas ao contrário tendes o tempo suficiente para ser pai dela. Por isso, não dizeis que estou errado.

– Deixai-me.

– Não. Se não confessardes chamarei Madalena para que conheça seu

– Não... não vades fazer isto?

– Vou, agora mesmo.

– Está bem. Aceito. Sou pai de Madalena, sim. Entendei que não foi vontade minha. Eu sou inocente deste acto.

– Vou explicar-vos. A mãe de Madalena prestava serviços aqui.

Certo dia, preparou-me uma bela refeição com um bambi fresquinho. Comi com muito gosto. Eu não sabia que ela tinha colocado um afrodisíaco e um pouco de sonífero na comida e no vinho. Comecei a sentir calor em todo o corpo. O meu corpo ardia, parecia que estava sendo queimado. Andei pela casa sem direcção. Rasguei as minhas vestes. Corri nu pela casa. O que aconteceu depois, não vi. No dia seguinte, acordei com a cabeça pesada; reparei que sobre o meu peito dormia a indígena, a mãe de Madalena. Expulsei-a daqui. Nunca mais voltei a falar para ela. Engravidou. Quando deu à luz, vi que era minha filha. Nada disse, man. Tive-me calado; quando ela morreu predispus-me a cuidar de Madalena, pois tem o meu sangue. O rei aceitou e está aqui. Desde aquela data não mais me envolvi com uma só mulher, porque nunca mais me deixei enganar. Soube que ela fora mandada pelo rei. Mas Deus iluminou-me, recobrei minhas forças e desde então vivo entregue ao Senhor.

O padre Álvaro comoveu-se e tentou colocar-se na vez do com frade. Realmente não tem culpa. Foi forçado a trair a sua castidade. Foi enganado.” Pensou.

Um longo silêncio dominou a capela. O padre Álvaro permanecia cabisbaixo. “O padre Abreu tem razão. Estes não querem nada Com a Igreja, seus costumes estão muito longe de se adequarem as exigências cristãs.

– Se foi assim mesmo... não tendes culpa.

– Por isso, é que eu mantenho distância deles. Quase me desviaram de Nosso Senhor e da Santa Mãe Igreja.

– Mas por um não podem pagar todos.

– Em África só o rei manda. Por isso são todos iguais. Se nos juntarmos, havemos de vencê-los. Só temos de confiar no Senhor.

– De hoje em diante estarei do seu lado, padre. Os dois confrades colidiram num forte abraço de homens que

se encontram depois de separados por longos anos. O rosto do padre Abreu, talvez fosse a idade, não deixou transparecer nenhuma comoção.

– Posso pedir-vos um favor?

– Obviamente.

– A Santa Sé não pode saber disto.

– Está bem. Mas com uma condição.

– E qual?

– Que seja eu a celebrar a eucaristia.

– Para evitar a transferência da casula, prometo que amanhã sereis vós a celebrara eucaristia. De acordo?

– De acordo...

XVIII

O padre Álvaro sentia sua cabeça girar. Fechado no seu quarto, em genuflexão, rezava incessantemente. Parecia que Deus não estava com ele. Mexia-se sem sossego, mostrando desatenção na oração. Parou. Recostou-se na cabeceira da sua cama. Queria tanto meditar mas não conseguia. Murmurou alto:

“Será que me enfeitiçaram para não orar e me desviar do Senhor? Não pode ser, Deus não permitiria tal coisa... Os feiticeiros não gostam dos padres. E certo que os maiores inimigos dos padres são os feiticeiros. Mas o rei é meu amigo... Não sejas parvo. O que esperais sendo amigo de um feiticeiro? Não. Não é verdade, não pode ser... E melhor estar do lado do padre Abreu. Podes estar com eles, ser amigo deles, mas nunca sereis como eles, senti reis falta de estar entre os vossos. Haveréis de te ver sempre diferente e sentir-vos-eis como um peixe fora da água. Eu não posso estar parado Como o padre Abreu, fechado nesta casa sem nunca ter contacto com o povo. Quem disse que ele está parado? Se ele não se deixou enfeitiçar até agora é porque ele está com Deus. E Deus deve tê-lo iluminado em como deverá converter este povo. Mas porquê os meus planos não coincidem com os do padre Abreu? Porque não confio nele como confio no rei? Porque penso que ele quer matar este povo? Não é verdade... É verdade sim. O padre Abreu quer ver este povo desaparecer. E o que isto tem de mal? Este povo, desaparecendo ou não, não faz diferença. Não se deve ter piedade dos ímpios. A terra é dos filhos de Deus e não dos pagãos. A Igreja não deve matar inocentes...Estes não são inocentes, mas sim pagãos e se não querem a conversão então devem morrer. Ninguém deve pôr limites à expansão do cristianismo.”

O padre Álvaro sentia possuir-se e tornar-se naquele personagem mais forte e mais dogmático, que estava dentro de si. No fim,

Achou que tudo que devia fazer não era para ele. Não era ele quem devia decidir, mas Deus. Por isso, só Deus devia sair a ganhar. E ele fora enviado aí para isso, para ver o reino de Deus estabelecer-se entre os africanos. Procurou o confrade. Estava na capela. Ajoelhou-se e meditou enquanto esperava que o confrade terminasse sua oração.

– Padre, posso falar-vos? – Perguntou o padre Álvaro.

– Obviamente.

– É melhor sentarmo-nos. Pensei no que falamos de manhã. Em primeiro lugar, peço desculpas pelo modo como vos tratei e o que cheguei a pensar de vós.

– Estais desculpado, padre.

– Muito obrigado, padre, vosso perdão alivia a minha alma. Pela primeira vez o padre Álvaro genuflectiu perante o confrade. Este, deixou transparecer no rosto uma dose de alegria; parecia tinha alcançado uma grande vitória. “Dentro em breve todo o mundo ajoelhar-se-á perante mim. Serei o dono do mundo. Transferirei o poder papal, o Vaticano, para esta África, que é minha, minha.” Pensou o Padre Abreu.

– Padre, tendes algum plano de conversão para este povo, para que eu possa ajudar?

Sentaram-se.

– Meu plano é arriscado, bastante perigoso, mas por Deus tudo farei, pois se pensei assim então é vontade do Senhor.

– Em que consiste concretamente?

– Vós sabeis que um povo que se fecha acaba desaparecendo de vez.

O padre Álvaro acenou a cabeça concordando.

– Pois! Mas isto não acontece com este povo, porque se reproduz demais. Morre um nascem dois, morrem dois nascem quatro

E assim se vão tornando cada Vez mais numerosos. O pouco tempo que cá estais já vos pudestes aperceber da maior virtude deste povo.

– Não tão claramente.

– O sexo.

– Concordo.

– É aqui onde reside a chave do nosso sucesso. Vamos acabar com eles a partir daí.

– Não estou entender...

– Vós sabeis que um homem que se entrega ao sexo desmedidamente jamais verá na honra uma virtude. E quem não tem a honra Como virtude é incapaz de se sacrificar para obter grandes coisas. Sua atenção e suas energias desgastam-se em efémeros momentos de prazer. Concordais?

– É bastante óbvio.

– Um povo como este tem futuro?

O padre Álvaro respondeu com um silêncio pensativo.

– Obviamente que não. Será sempre o último na corrida.

– Por isso, em nada adianta fazermos esforços para com ele. Todo o esforço será em vão.

– Eles são bons indígenas, falam boas coisas, têm um modo de vida.. engraçado...

– Ninguém vai ao céu nem se desenvolve por falar boas coisas, mas por fazê-las. Olha ao teu redor e observa como este povo vive.

– Podemos ensiná-lo a ser Como nos.

– Aí reside nunca a vossa fraca visão, padre. Enquanto viveis nunca deixais as coisas por começar, pois quando morrerdes ninguém mais começará. A melhor maneira de convertermos este povo, e depois ensiná-lo a viver como nós, é sermos nós o poder.

– Isto é impossível. Como tomar o poder?

-Este é que é o grande momento. Eu estou a aprender com um indígena como entrar e sair desta aldeia. Logo que me veja apto, Introduzirei aqui o nosso exército e ocuparemos a aldeia. Com o poder de Deus e a ajuda das armas seremos nós o poder. Submissos a nós farão somente a nossa vontade, que é a vontade de Deus, nosso Pai, que sejam batizados e se tornem pessoas.

– O plano é excelente, mas estou preocupado com a vossa pessoa padre. Estais aprendendo feitiço?

– Para o bem da Nossa Santa Igreja.

– Isto é perigoso.

– Com a ajuda de Deus nada é perigoso. Por Deus eu tudo faria e é assim que devíeis ser também, padre; pôr Deus em primeiro lugar, sem questionamentos. – Eu tenho...

– Não parece. E vós sabeis que avaliamos o que parece.

– Eu entendo, padre. Prometo daqui para diante mudar.

XIX

Entrou no palácio o chefe da segurança interna de Caconda, o Fvelho Kalunga que começou a falar.

– A Soma ndinena ondaka ivi (Rei, trago mnás notícias).

Na sala, todos se olharam; o feiticeiro do rei apertou mais a sua bengala querendo adivinhar do que se tratava, mas o rei adiantou-se na palavra.

– Popya (Falai).

– Ulavi welungi ya satana wayuliwa yapa, Twosina oyuilua vak wavo (O guarda da gruta de satanás está corrompido. Encontrá-mo-lo a corromper os outros).

O pânico reflectiu-se nos rostos de todos os presentes. O rei endureceu no seu assento.

“Chegou o nosso fim.” Pensou o rei.

– Omangu yahe ikasi okuneta (O seu poder está a se tornar maior) – disse o grande feiticeiro – Elivala lyahé yapitila (O seu tempo chegou)

– Wapondi ulavi la vakwavo? (Matastes o guarda e os outros?) – Perguntou o rei.

Katwavapondele (Não os matámos) – respondeu o Velho Kalunga.

– Walingi ciwa, Ene akulu twendi, oco tu vanje osimbu ya kam ako OCO Lucifer amoleha (Fizestes bem. Velhos, vamos para analisar quanto tempo falta para que Lúçifer apareça).

À noite entraram no quarto onde se encontravam três homens amarrados, nos pés e nos braços por detrás das costas. Os homens estavam, nus. O grande feiticeiro aproximou-se deles, tocou-lhes com sua bengala; o guarda da fruta demorou mais tempo, proferiu alguns sons. Afastou-se. Olhou para o rei, este entendeu

O que o grande feiticeiro lhe quis transmitir, estendeu o olhar ao Velho Kalunga

– Pondi (Matai-os) – Ordenou o rei.

O Velho kalunga pegou na sua vara, cuspiu numa das extremidades, arrastou-os pelo chão, proferiu alguns sons e, muito rapidamente, levantou a vara e em três toques esmagou a cabeça dos três homens. Voltaram ao palácio.

– Não temos muito tempo- disse o rei – temos de fazer alguma coisa.

– Popya lapatele (Falai com o padre) – disse o Velho Tchikola.

– Não podemos chamá-lo e falar-lhe assim directamente. Não acreditará em nós. Estes brancos não gostam de palavras, gostam de factos. Agora que o padre Abreu conseguiu afastá-lo de nós, já não nos ouvirá. Temos de encontrar uma solução – disse o rei muito preocupado.

– Nduloha, oco apitile kulo (Vou enfeitiça-lo para trazê-lo até aqui) – disse o grande feiticeiro.

– Não. Com o feitiço não vamos conseguir, temos de pensar como eles pensam, porque quando ele sair daqui o feitiço perde o efeito, mas o pensamento mantém-se nele.

XX

Passados dois dias pensativos, o rei mandou chamar o padre Álvaro. – Eye keya kulo, te twandako etu muele (Ele não virá, vamos lá pessoalmente) – sugeriu o velho Tchikola.

– Não podemos. Lá não poderemos falar o que queremos. Quando lhe disserem que o rei quer falar sobre os batismos, sem que o padre Abreu se aperceba, ele virá. Nós só o queremos aqui.

– E se ele não aceitar vir... – perguntou insistente o velho Tchikola.

Mal o velho acabara de falar, entrava o padre Álvaro; todos voltaram o olhar para ele.

– Sêde bem vindo, padre – disse o rei arrastando nos lábios um pequeno sorriso.

– Que quereis de mim? – Perguntou o padre.

– Senti-vos à vontade, padre. Nunca lhe faremos mal algum. Apenas precisamos de vós.

– Para fortificar vosso feitiço como queríeis fazer com o padre Abreu? O rei calou-se um instante com os olhos postos no padre.

– Eu não tenho palavras para persuadir-vos do contrário. Só vos digo que tudo o que ouvistes do padre Abreu é mentira. Vós é que sois mentirosos, hipócritas, quereis enfeitiçar-me... – Padre...

– Chamastes-me para falar de batismos, não é isso... então, o que quereis?

– Falar de baptismo foi a única maneira de trazer-vos até aqui.

– Mentistes-me?

– Foi a única maneira que encontramos.

– Ímpios...

O padre Álvaro irritou-se, deu meia volta e dirigiu-se à porta de saída muito rapidamente. O rei via o padre ir-se embora, não sabia Oque fazer para o entreter... Precisava falar com ele explicar-lhe. Intuitivamente gritou.

– Padre, tendes sonhado com a gruta? Gritou o rei.

O padre Álvaro parou. Voltou-se lentamente.

– O que quereis de mim? Como sabeis dos meus sonhos se não os contei a ninguém.

Padre, contai-nos o Vosso sonho e eu conto como sabemos. -Obviamente, sabeis por meio do vosso feitiço.

– Então, já acreditais no nosso feitiço...

– Eu não aceito, não acredito.

– Padre, podeis não acreditar, mas existe. Parece-me que tendes certeza da sua existência, razão pela qual tendes medo.

– Eu não tenho medo de nada.

– Então, porque não conversais conosco?

– Porque sois maus, só tendes maldade nos vossos corações.

– Padre, devíeis viver mais tempo conosco, para provardes o que afirmais. Nem tudo o que o vosso confrade diz é verdade. E só sabereis disto se nos ouvirdes.

O padre Álvaro olhou à sua volta, todos os presentes se concentraram nele atentamente. Pacificamente perguntou.

– O que quereis de mim?

– Vamos começar pelo mais simples. Padre, contai-nos o VOSSO Sonho e nós contaremos como sabemos.

O padre Álvaro sentou-se no tronco caído e, calmamente, contou, os seus sonhos, desde que ali chegarão sonho foi sempre o mesmo, aproximar-se da gruta negra, cada dia estava mais próximo da entrada. Acordava sempre assustado, mesmo assim não podia deixar dormir, tentava, mas seu sono era muito profundo. O rei contou como ficaram a saber.

- Aquela gruta atrai as pessoas pelo olhar?! – Perguntou o padre levantando-se perplexo-e vai-nos chamando pelo sono? Isto é um absurdo.
- Quando chegastes aqui olhastes demasiado para ela e ela entrou em vossos olhos.
- Eu olhei, pois está à beira do caminho. E porquê tendes o caminho naquele lugar?
- É cedo para entenderdes isto, padre. Há muita coisa que precisais conhecer, basta a vossa vontade. Não vos aparteis de nós.
- Que coisas são estas?
- Eu só peço que tenhais os olhos bem abertos. Vamos começar pelo fantasma do seu sonho. É alguém que vos chama para dentro da gruta e seu rosto não aparece.
- É isso.
- Ukulu Kainga nye olete? (Velho Kainga, que vedes?) – Perguntou o rei ao grande feiticeiro.
- Madalena – respondeu o velho assustando o padre.
- Isto é mentira – respondeu o padre achando a resposta demasiado precipitada.
- Só há uma maneira de saber – disse o rei.
- Qual?
- Se o fantasma de vossos sonhos é realmente Madalena beijai-a na boca. O padre precipitou-se do lugar indo um pouco mais para trás.
- Se pensais que me ides enganar como fizestes com o padre Abreu estais muito enganados.
- Não vos queremos enganar, padre, apenas...
- Que solução mais absurda.
- Nós sabemos que gostais dela e que a tendes desejado – vociferou o rei.
- Como humano é muito normal que isto aconteça.

– Mas pode deixar de acontecer. Vezes há em que para resolver um problema temos de entrar no problema. Padre, tendes de beijar Madalena, beijar apenas e nada mais, no sonho ela revelar-se-à e teremos o mistério confirmado. Ela não pode saber do motivo.

– Akai kavapulisa nye tuvasipwila k’omela (As mulheres nunca perguntam porque as beijamos) – disse o velho Tchikola.

– Eu sou padre e tenho plena consciência do que sou. Aquilo é um fantasma e pronto.

– Padre, os fantasmas têm rosto. Nós é que somos os fantasmas dos outros e de nós mesmos.

O padre Álvaro voltou-se em direcção à porta e marchou apressado sem mais parar, o rei gritou.

– Padre, não entreis na gruta.

Um vento de desespero entrou por aquela porta, e abalou os presentes. A única esperança do rei estava naquele momento, fazer o padre mais amigo e aproximá-lo da comunidade, mas o momento foi-se, esvaiu-se diante de si.

XXI

Caminhou o padre Álvaro apressado, para casa, não sabia se aquela força que o movia tão rápido era nervosismo ou dúvida. Passou pela porta de entrada do quintal sem se aperceber da presença do padre Abreu.

– O que queriam?

O padre Álvaro parou e voltou-se para o confrade.

– Não sei...

– Como não sabeis?! Vindes de lá.

– Mentiram-me que queriam ser baptizados.

– Ainda bem que vistes com os vossos próprios olhos o quanto estamos cercados de ímpios. E o que queriam realmente?

– Disseram que precisavam da minha ajuda.

– Que tipo de ajuda?

– Não sei. Logo que soube que era uma farsa a minha presença, retirei-me imediatamente.

– Portastes-vos muito bem. Eles podem matar-vos para reforçar o seu feitiço. A luta entre o demónio e Deus baseia-se nesta lógica natural. Se Deus vence o demónio torna-se mais forte e se o demónio vence o homem de Deus, também se torna mais forte...

– Padre, ficai à Vontade, porque não deixarei que eles me vençam. Vou orar nos meus aposentos.

O padre Álvaro retirou-se sob o olhar atento do padre Abreu. Fechou-se no seu aposento e genuflectido perante o crucifixo pendura do na parede, de mãos juntas, orou.

“Meu Deus, dai-me luze sabedoria para compreender este mundo que me cerca. Alguma coisa está a acontecer, muitas coisas estão a acontecer, parece-me que o rei quer que eu as saiba como me parece também que o padre Abreu não quer que eu as saiba... Eu estou

confuso, não sei a quem dar ouvidos. O rei parece ser honesto nas suas palavras... Ajudai-me a entender... Eu preciso evangelizar este povo, não posso cruzar os braços, mas também parece haver um grande perigo, eles pretendem desviar-me dos Vossos caminhos. Que devo fazer? Ó meu Deus, iluminai-me...

O padre Álvaro não se cansava de pensar em como encontrar uma solução para não permanecer de braços cruzados. O medo de ser enfeitado e desviado dos caminhos do Senhor afastava-o da comunidade, mas sentia também que a comunidade não o repelia, mas era ele que a repelia. Não devia ser assim. O padre é quem deve ir ao encontro da comunidade e não afastar-se dela.

“Como podem precisar de mim, pedindo-me que eu viole o mais austero princípio sacerdotal? Como posso eu beijar uma mulher para descobrir quem é o fantasma dos meus sonhos? Eles pensam que eu sou um burro, analfabeto, indígena como eles, que nem sabem pensar direito... Eles querem é acabar comigo, com a minha profissão. O mesmo que fizeram com o padre Abreu querem fazer comigo... Mas... O rei disse que O padre Abreu mentiu? Será verdade? Será que o padre Abreu fê-lo com todas as forças, com corpo e alma? Entregou-se plenamente? Não acredito no rei pelo facto de me mandar beijar uma mulher! As palavras do ímpio convencem até os doutores.

À volta da mesa, os confrades ingurgitavam o almoço. O padre Álvaro tossiu baixo, de seguida vociferou.

– Padre, posso fazer-vos uma pergunta?

– Obviamente.

– Quando chegastes cá, em vossos sonhos aparecia a gruta negra?

– Porquê perguntais?

– Porque sempre que durmo sonho com a gruta negra. Todos os dias.

- Não vos preocupeis, isto passa. Acontece com as pessoas que muito olham para ela, depois de um tempo passa.
- Mas porquê?
- Porque ela é um fenómeno, uma maravilha. Já vistes coisa igual?
- Não. Padre, eu tenho medo.
- Tendes medo de um sonho?
- Cada dia que passa vejo-me mais próximo da gruta. Tenho medo de que se nela entrar posso não mais sair ou não mais acordar.
- Padre, sonhos, magia, visões, são práticas pagãs. Vede como estais sendo contagiado por estes indígenas pagãos, idólatras? Vosso pensamento está sendo igual ao deles.
- Confesso que estes sonhos me assustam.
- Confiai em mim, os sonhos não têm nenhuma relação com a realidade. Ponde vossa fé em Deus.
- Obrigado, padre.

Madalena apareceu e desarrumou a mesa. O padre Abreu levando-se e retirou-se. O padre Álvaro fixou seu olhar sobre Madalena por instantes, os dois prenderam-se nos olhos. O padre Álvaro levantou-se lentamente e retirou-se precipitado. Dirigiu-se ao seu aposento e entregou-se a longas meditações. Apercebeu-se que a sua fé estava fraca demais e que as suas atitudes eram do mundo e não de um verdadeiro seguidor de Cristo. Recostado à parede adormeceu. O padre Abreu sentado na capela architectava seus majestosos ideais.

“Tenho de acelerar o meu plano, antes que este jovem estrague o meu futuro Não gosto dele. Depois de estar com o rei agora pergunta-me sobre a gruta, obviamente falaram sobre isto. Mentiu-me. Que lhe terá dito o rei? O rei que não pense que vai conseguir criar uma revolta entre mim e o jovem. Está muito enganado. Eu sou mais po-

deroso e não vou esperar converte-o a mim com palavras, antes que seja tarde demais. Vou fazê-lo meu aliado com as minhas próprias forças”.

O padre Álvaro ressonava um sono bom. Como sempre, seu sonho tomou continuidade, cada dia estava mais próximo da gruta negra.

O fantasma parou e estendeu-lhe a mão. Tudo nele era escuro, até a mão, até a palma da mão, não usava luvas porque os traços que percorrem a palma da mão e os que traçavam as falanges lá estavam, bem claros. O padre assustou-se mais ainda. Parou. Estatizou-se. Estava a um metro da gruta. Como não mais se aproximava, nem estendia seu braço ao fantasma, este aproximou-se, dirigia-se ao seu encontro. O padre voltou-se e pôs-se em fuga. Correu, correu.. mas viu-se no mesmo lugar. O fantasma prendeu-o por num braço arrastando-o para dentro da gruta. Lutava para não entrar. Apareceu outro fantasma, pegou noutro braço e arrastaram-no para dentro.

A luta que o padre Álvaro enfrentava no sonho era visível em pleno sono. O padre rebojava pelo chão de todo o quarto embatendo na parede, com pequenos gritos de sufoco. Uma pancada da cabeça fê-lo libertar-se do pesadelo. Recostou-se encolhido no canto do aposento. Ainda era dia. Os raios solares que entravam pela pequena janela no alto da parede puderam ajudá-lo a ver o metal, no chão, que o salvou do pesadelo. Sua respiração ofegante e cheia de medo desapareceu perante o gigantesco espanto diante daquele metal. Era o crucifixo, que se encontrava no alto da parede. Precipitou-se sobre ele, agarrou-o, voltou a encolher-se no canto da parede, apertando o crucifixo no peito.

XXII

No cair da noite dirigiu-se à capela e entregou-se a profunda oração. Momentos depois viu o padre Abreu entrar, trocaram um longo olhar.

“Vou explicar-lhe o milagre que me aconteceu hoje... É melhor não. Nesse momento devo confiar só em Deus. Ele vai ajudar-me a descobrir o que se está a passar. O padre Abreu disse que não era nada, mas se o crucifixo não tivesse caído sobre minha cabeça, para que acordasse, teria entrado na gruta. Mas uma vez mostrou que está contra mim. O rei parece estar do meu lado.”

Assim que o padre Abreu genuflectiu, o padre Álvaro levantou-se e retirou-se da capela. No átrio, meio escuro, iluminado por apenas um facho, cruzou com Madalena. O modo como Madalena sentiu o olhar do padre atravessar sua alma, não lhe permitiu pronunciar palavra, até mesmo sua respiração parecia esgotar-se.

“Será mesmo ela, o fantasma dos meus sonhos? E se for ela, que significa?”

O padre passou por ela sem nada dizer.

“Os olhos são a porta do demónio.”

“Será que sonho com ela porque a observo demais e a tenho desejado? E a escuridão, a gruta negra indicam o quê? Que se e envolver com ela estarei a manchar-me no pecado? Só pode ser. É óbvio, faz sentido. O rei tem razão. Será que também estará certo com relação ao beijo? Se eu a beijar violarei o princípio do celibato. Não há outra forma de saber? Confiarei a Deus que me revele este mistério..

O padre Álvaro lutava contra o sono, não queria dormir, mas parecia que tomara um sonífero. Passeava pela casa, levava a cara, tentava ler, mas o sono era forte, tão forte que

caiu sentado no seu leito. Caíram-lhe as pálpebras. Nesse mesmo momento sentiu uma humidade nos lábios, lambeu, sentiu a humidade aumentar. Ao mesmo tempo sentiu uns braços cercarem seu pescoço e seus lábios apertarem-se. Despertou forçosamente embatendo com a cara de Madalena.

– Que fazeis? Vós beijastes-me!

– É o que desejais bem no fundo de vós, padre, possuir-me.

– Foi o rei quem vos mandou...

– Não padre, vós pedistes-me.

– Enlouquecestes? Eu nada falei para vós.

– Pela maneira como me olhais... Só vos faltam as palavras por que sois padre...

– Eu sou padre, não posso expor-me aos prazeres da carne, a esta vida mundana...

– Já não sois padre – disse aproximando-se – não tendes igreja, não tendes ninguém para evangelizar, não celebrais a eucaristia...

– Já me reconciliei com o padre Abreu, em breve celebrarei a eucaristia.

– Não vos iludais com a eucaristia. O padre Abreu nunca vos deixará subir ao seu altar; este povo nunca vai se converter ao vosso Deus. Ficaí comigo, padre – atirou-se aos braços do padre, este empurrou-a para trás.

– Largai-me. Estais possuída pelo demónio. Saí do meu aposento, já...

O padre Álvaro empurrou-a para fora, fechou a porta com toda a força. Madalena foi chorando.

“Como não me conseguem enfeitiçar agora mandam aqui uma mulher para me desviar. Não posso cruzar os braços diante desta situação”

Dirigiu-se do confrade. Ao encontro do padre Abreu. Interrompeu a oração

– Padre, temos de conversar.

O padre Abreu ordenou ao confrade que se sentasse.

– Eu acredito em vossa pessoa. O rei tentou desviar-me e como não conseguiu, ordenou que Madalena me seduzisse.

– O quê? – Perguntou atónito o padre Abreu.

– E isso mesmo. Agora que acabo de expulsar Madalena do meu quarto, quase me violou.

– Isso não é verdade...

– É verdade sim, padre.

Depois de o padre Abreu pensar rapidamente nos seus obscuros planos, olhou para o confrade e perguntou:

– Vós tentastes agarrar a jovem e vindes cá queixar-vos como se tivesse sido o contrário?

– Não, padre. Que pensais? Eu quase fui desviado por esta indígena e ainda me acusais?

– Desde que cá chegastes que não tirais o olho de cima da jovem..

– Padre, estou a falar a verdade.

– Está bem. Que pretendeis que eu faça?

– Ela tem de sair desta casa, senão enfeitiçar-nos-á.

– Ela não sai desta casa até eu comprovar que não sois vós que a seduzis.

O padre Álvaro caiu sentado na cadeira comprida da capela.

“Estou sozinho, só Deus pode ajudar-me.”

Ajoelhou-se e orou. Passeou pela casa dentro, orou tantas vezes quantas foram as que tentou dormir. Tudo fez para evitar o sono. Até ao cantarolar do galo encontrava-se plenamente acordado. Dirigiu-se à capela, acendeu a lamparina e o círio que se encontra-

vam por cima do altar e, de joelhos, começou a rezar. Estava tão cansado e cheio de sono que seus olhos, lentamente, se fecharam adormecidos. O fantasma estava de novo ali, vindo em sua direcção. O padre não tirava os olhos de cima dele, recuava à medida que o fantasma se aproximava. Parou o fantasma, ele também parou. Viu o fantasma passar a mão sobre o rosto escuro, de repente, transformou-se todo ele em pessoa.

“Madalena.” Gritou o padre acordando do seu pesadelo. Viu-se sozinho na capela. Com o olhar no crucifixo, por cima do altar, começou a orar assustado.

– Obrigado meu Pai e meu Deus. Vós que sois o criador do mundo e de todas as coisas, só Vós conheceis a verdade. Mostraste-me a verdade, fazei de mim um verdadeiro servo para que eu nunca me desvie dos Vossos caminhos...

XXIII

Andava o rei de um lado para o outro, depois de ouvir o sonho que teve o grande feiticeiro, o velho Kainga. Teve um mau sonho que não agradou em nada o conselho. Entrou o chefe da guarda externa de Caconda, o jovem Tchombolola, que mal tinha saudado os presentes, já o rei lhe tinha feito a pergunta.

– Pali nye? (O que há?)

- Ovacyika vanilla ko Nganda lo ko Cilenge (Os jagas ocuparam a Ganda e Kilengues) – respondeu o jovem assustado sob o olhar ameaçador

– Nye? (O quê?) – Gritou o rei.

O conselho ficou estático. Ganda era a povoação que fazia fronteira a norte e Kilengues a sul. Os jagas queriam ocupar Kakonda porque acreditavam que ali residia a sua origem, a terra pertencia-lhes. O rei Tundulu Ekwassama e seus aldeões não queriam entregar as terras e tudo faziam para que os jagas não ocupassem Caconda. A notícia abalou o rei que via suas forças esgotarem-se. Estava cercado de norte a sul.

– Se descobrirem o feitiço da Ganda e de Kilengues é porque podem descobrir o feitiço da nossa aldeia – disse o rei bastante preocupado.

– Te twakapa umbanda ukwavo kulo kimbo lyetu (Temos de mudar o feitiço da nossa aldeia) – sugeriu o velho Tchikola.

– Ukulu kainga linga lika lyove. Uloha umwe akuti ove no uku linya (Velho Kainga, faça isto sozinho. Ponha um feitiço que só Vós conheceis) – ordenou o rei.

Enquanto o rei falava entrou um soldado que murmurou ao ouvido do velho Kalenga. Logo que o rei acabou de falar o velho disse:

– Ulavi w’elungi wayuilua (O guarda da gruta está corrompido).

O pânico generalizou-se na sala; a bengala do grande feiticeiro começou a tremer à medida que ia murmurando as seguintes palavras.

– Teke lá teke omangu yahe ilivokiya. Ndopo opitila (Cada dia que passa o seu poder está a aumentar. Está prestes a chegar).

– Os guardas da gruta não demoram um dia e já ficam contaminados. Significa que está a ressuscitar muito rapidamente. O seu tempo chegou – disse o rei.

– Nye tulinga? (Que fazemos?) – Perguntou o velho Tchikola.

– K’okutila kakuli l’acimnue mekonda okuo twenda otusinale. Tu kala kulo toke kesulilo, pamwe tuyula (De nada adianta fugir, porque ele encontrar-nos-á. Ficaremos aqui e lutaremos até ao fim, talvez consigamos vencê-lo) – disse o grande feiticeiro – Twenda k’elungi (Vamos a gruta).

O padre Álvaro saiu do quintal e viu o conselho do rei sair do palácio num passo bastante acelerado.

“O que terá acontecido?”

Entrou e foi ao encontro do sacristão na capela.

– Carlos, sabeis o que está a acontecer no palácio?

O rapaz voltou-se para o padre Álvaro e disse aflito:

– Todos nós havemos de morrer. O mal que ataca a nossa aldeia está a renascer.

– Mas que mal é este?

– Os jagas cercaram a nossa aldeia, em breve estarão aqui e contaminarão todo o mundo.

– Eu não estou a entender nada.

– Falai com o rei e ele dir-vos-á toda a verdade. Vamos precisar de vossa ajuda...

“Será que é para isso que eles precisam de mim? E de forma eu poderei ajudá-los? Ensiná-los a fazer armas de fogo como

se faz na Europa? Só pode ser... isso mesmo, os jagas são grandes soldados, é preciso impedi-los...”

Entrou na capela o padre Abreu, que pareceu não ter gostado de ver o padre Álvaro conversar com o sacristão tão intimamente. O sacristão afastou-se, o padre Álvaro respondeu:

– Que falais?

– Estava sabendo um pouco dos costumes e da história deste povo.

– Pretendeis ser historiador?

– Não tanto. Quem sabe, conhecendo a origem deste povo, possamos conhecê-lo melhor.

– Não é conhecendo a origem do xadrez que nos faz melhores jogadores de xadrez.

– Mas...

- Devíeis concentrar-vos mais na oração.

XXIV

O rei soergueu-se do seu trono ao ver o padre Álvaro entrar. Uma sombra de espanto e dúvida transparecia no olhar do conselho. Aproximou-se.

– Que vos traz cá? – Perguntou o rei.

– Madalena é o fantasma dos meus sonhos.

Os presentes olharam-se pasmados, não esperavam que o padre fosse mesmo beijar Madalena.

– Como soubestes? – Perguntou o padre.

– Padre, nós sonhamos os nossos desejos, as nossas aspirações, os nossos medos, os nossos receios, o que vemos e o que vimos.

– Quereis dizer que eu sonhava com Madalena porque eu a desejava?

– Sim.

– E porquê vinha ela em forma de negro querendo levar-me para a gruta negra?

– Porque sois padre. Não deveis corromper-vos.

“Acho que a altura para falar chegou. Devo aproveitar agora antes que seja tarde demais. Ele tem de ficar do nosso lado já.” Pensou rapidamente o rei.

– Padre, as nossas palavras, para vós, são todas elas sem sentido e vazias de conteúdo, razão pela qual vós não acreditais nós. Cada vez que conversamos mais o padre se distancia de nós.

– Quereis dizer-me alguma coisa?

– Receio que o padre venha a achar isto mais uma das nossas fábulas.

– Garanto-vos não pensar mal do que haveis de me dizer.

– Padre, nunca desconfiastes do vosso sono?

– Como assim?

– Achais normal a maneira como dormis? Nada fazeis que vos canse O Corpo durante o dia, mas quando ides para a cama dormis Como uma rocha. Obviamente pensais que tendes muita saúde e um sono muito bom. No entanto, tendes tido problemas porque atrasais na oração da manhã. O que não tem sido bom para vós.

– Onde quereis chegar? – Vociferou o padre.

– Fostes enfeitiçado para dormires muito, para parecerdes sempre um fraco, incompetente.

– Vós não explicais nada sem recorrer ao feitiço? Tudo é feitiço, tudo é feitiço... – Quando é feitiço é mesmo feitiço.

– Está bem. Então, quem me enfeitiçou?

O rei engoliu em seco, pois temia que o padre depois da res posta sairia dali de novo para nunca mais voltar. “Começamos, vamos acabar.” Encorajou-se o rei, e sem gaguejar respondeu.

– O padre Abreu.

O padre Álvaro voltou-se nos calcanhares boquiaberto, expirou fundo.

– Vós quereis que eu entre em contradição com o padre Abreu, para ficarmos fracos e vós nos derrubardes.

– Não é isto padre.

– Eu já me apercebi que vós quereis que nós sejamos como Vós, iguais a vós, amigos do feitiço e da poligamia. Vós não que reis o reino de Deus. Não viveis tranquilos com a nossa presença aqui. Isto vos incomoda...

– Padre, vós precisais saber a verdade, só assim compreendereis a nossa realidade.

– Então, o padre Abreu enfeitiçou-me para eu não compreender a vossa realidade.

- Não. Ele pretende criar em vós um sentimento de fracassado, humilhar-vos e vos dominar. Só faltando à oração ele vos pode repudiar. Imaginai todos os dias.

– Ele quer me dominar?!

– É isto mesmo, padre.

O padre voltou-se nos calcanhares tonto e confuso.

“Estes acusam o padre Abreu, o padre Abreu acusa estes. Que rem ver-me louco. Para que isto não aconteça, doravante, serei imparcial, até saber de que lado está a verdade.”

E o que hei-de fazer?

– A única coisa que nós podemos fazer é fazer-vos ver as coisas com os vossos próprios olhos.

– Como?

– Quando fordes dormir espalhai um pouco de sal na vossa porta.

– Estais-me ensinando feitiçaria.

– Não. O sal é a salvação do mundo. Tirai da vossa própria cozinha, podeis benzê-lo antes. Vosso sono será leve como uma pena de ave, o mínimo ruído far-vos-á levantar imediatamente. Acordado, podereis ver tudo o que acontece durante a noite.

O padre Álvaro hesitou bastante em colocar o sal à sua porta. Tornamos-nos feitiçeiros sem nos apercebermos... será que isto vai fazer de mim um feitiçeiro? Acho que não. O sal é da minha casa, da minha cozinha, eu abençoei, não pode ser feitiço..”

Acabou colocando o sal à entrada do seu aposento. Naquela noite ao pregou o olho. Tentou dormir, mas sua mente estava tão agitada que não conseguiu. Saía do aposento a qualquer ruído que ouvisse. Alguns passos longos. Cruzavam o átrio.

“É agora.”

Saiu, procurou com o olhar a alma que se movimentava na noite e viu lá ao fundo, em direcção à horta, alguém a desapare-

cer. Acompanhou-o atrapalhado. Era um homem que não tardou a reconhecer. Era o seu confrade, o padre Abreu. Entrou no celeiro, iluminado, que se encontrava mais ao fundo da horta. O padre Álvaro foi para a parte de trás do celeiro. Entre as madeiras espaçadas, quase cinco centímetros, procurou uma abertura em que pudesse enxergar melhor. O celeiro estava cheio de indígenas, não conseguia ver nada. Procurou outras aberturas, mas os indígenas estavam de forma circular e deram a volta a todo o celeiro, o que impossibilitava ver o que acontecia no centro. Trepou numa árvore enquanto os indígenas entoavam um cântico em Umbundu, parecia mais um cântico de acção de graças. Do lugar onde o padre Álvaro se encontrava via-se o centro no seu todo. Uma grande fogueira ardia no centro, ao lado um altar, por trás estava o padre Abreu vestido de Santo Padre.

“Blasfemo. Nem bispo é e atreve-se a vestir-se como papa.”

Sussurrou do alto. Não ouvia o que o padre Abreu falava, apenas entendeu que ele é que orientava a cerimónia. Assim que acabou de falar, todos tiraram a roupa e ficaram nus. Uma jovem menina aproximou-se do padre Abreu; este pegou-a e colocou-a de frente ao altar. Voltada de trás, o padre Abreu a fornicava, violentamente, à vista de todos. O padre Álvaro caiu num espanto; o seu órgão sexual começou a muscular dentro da sua calca. Viu-se possuído por uma sensação nunca tida.

“É prazer.”

Pensou o padre no alto da árvore, levou a mão ao órgão que endurecia cada vez mais, endireitou-o e sentiu um pequeno molhado. Retirou a mão, levou-a ao nariz e cheirou. Quando olhou para o celeiro, o confrade já estava separado da jovem menina. Com os braços abertos ao céu, como em oração, balbuciou algumas palavras. Assim que terminou de falar todos se entregaram a orgia, cada um com o seu par. O padre Álvaro não resistiu em ver os homens se fornicarem pelo traseiro, que caiu do pau de tanta

admiração e perplexidade. Levantou-se quase sem jeito, olhou para o celeiro, no espaçamento das madeiras, cruzou com o olhar do confrade. Pôs-se em fuga. De dentro do celeiro alguns indígenas tentaram persegui-lo, mas o padre Abreu impediu-os.

“Este é meu.”

A cerimónia continuou.

XXV

O padre Álvaro andava de um lado para o outro do quarto, estava assustado, nervoso, pâmue com muito medo mesmo.

“Que hei-de fazer agora? O que significa o que eu vi?”

Agitava-se tanto que até as soluções na sua cabeça se agitavam também. Não conseguia concentrar-se numa só ideia. De repente viu sua porta abrir-se abruptamente. Era o seu confrade. As palavras escapavam-lhe da boca.

– O que quereis?

– Explicar-vos o que vistes – respondeu calmo e sério o padre Abreu.

– Eu disse-vos que tudo faria para trazer nossas milícias para esta aldeia. O que vós vistes é o feitiço que estou a aprender para sair e entrar nesta aldeia.

– Que tipo de feitiçaria exige fornicção, até entre homens?

– Quando se aprende o feitiço não podemos questionar nada, apenas aprendemos.

– Eu não entendo nada disto, mas porque vos vestistes como Papa?

– Porque quando sair daqui serei Papa.

Os olhos do padre Álvaro abriram-se imenso como se estivessem antes fechados, ao ouvir tal afirmação.

– Sois uma seita, uma sociedade secreta.

– Esta igreja pertence-me e quando sair daqui serei dono do mundo, de toda a igreja.

– Estais aprendendo feitiço não para sair daqui, mas para tomar poder papal. Vós estais ficando louco...

– Não me chameis de louco. Não admito que me tratem desta.

forma – enfureceu-se – eu sou Papa e, por isso mesmo, sou infalível e tudo o que faço ninguém tem o direito de me repudiar.

Num tom mais calmo e acolhedor disse ao confrade que se encostava à parede assustado:

– Padre, ainda tendes tempo de ser meu chanceler; ficai do meu lado e juntos viveremos eternamente neste mundo.

– Vós não sabeis o que dizeis... eu não estou interessado no vosso reino.

– Depois do que vistes não tendes escolha. Dizia o padre aproximando-se do confrade. Agarrou-se a ele. Bateram-se nas paredes, pois o padre Álvaro tentava libertar-se. Caíram. Rebolaram no chão. O padre Álvaro montou por cima do padre Abreu e deu dois valentes socos na cara do confrade, que por instantes ficou paralisado. Lentamente levantou-se endireitando as mandíbulas e disse:

– Pensais que sois mais forte que eu? Vamos lá ver...

O padre Abreu apontou as mãos ao confrade, utilizou seus poderes mágicos e aos poucos, o padre Álvaro Começou a amolecer. Afrouxou como se tivesse sido anestesiado. O padre Abreu aproximou-se, voltou o padre contra a parede, levantou-lhe a batina e baixou-lhe a calça. Encostou-se a ele e estendeu-lhe as pernas de modo a poder fornicá-lo intensamente. Retirou o seu pénis para fora e sentiu uma dor rápida na cabeça e viu ao seu redor tudo a escurecer. Voltou-se e viu pardamente Madalena com uma moça na mão. O sangue corria-lhe pelo corpo.

– Não devíeis ter feito isto.. Está chegar a hora, a minha hora, ai minha África, minha Africaaaa... – falava tonto o padre Abreu.

O padre Álvaro caiu sentado observando o seu confrade falecer. Caiu morto. Madalena correu para o padre Álvaro, levantou-o e levou-o para a cozinha. O padre Álvaro não se aguentava de pé, sentado no chão firme, recostou-se na parede. Madalena rapidamente juntou a lenha acesa e colocou por cima uma panela com água.

Tirou mais um bocado de água e colocou numa pequena bacia. Saiu. Voltou com umas folhas que colocou na água da bacia. Mexeu. Acrescentou um pouco da água que fervia. Voltou a mexer. Aproximou a bacia e nela introduziu os pés do padre. Começou a massagelar-lhe os pés e as mãos. Passou com as folhas pela testa. Retirou um pouco da água quente e encheu um copo, onde colocou uma folha seca, mexeu até a água ganhar a coloração, quase castanha, da folha seca. Retirou e deu de beber o chá ao padre. Minutos depois o padre começou a dar sinais de alta recuperação. Voltava ao estado normal.

– O quê está a acontecer? – Perguntou zozzo.

– Ficai calmo, padre.

– O padre Abreu morreu?

– Morreu, sim.

– Vós o matastes.

– Ele estava contaminado, estava corrompido e queria fazer mesmo com a vossa pessoa.

– Corrompido, contaminado, eu não estou a entender...

– Estai tranquilo, padre.

– Que doença ele queria me transmitir?

XXVI

Madalena tentou explicar, mas o pouco que sabia, não foi suficiente para esclarecer profundamente a gigantesca dúvida que aquela situação deixou que na mente do clérigo. No clarear do novo dia, o padre Álvaro dirigiu-se ao palácio, o rei já tomara conhecimento da morte do padre Abreu. Recebeu a notícia com agrado. Agora poderia falar tudo ao padre Álvaro.

– Eu preciso saber o que está a acontecer aqui – vociferou o padre mal acabara de entrar.

O conselho olhou para o rei como que lhe imputando toda a responsabilidade. O rei levantou-se e aproximou-se do clérigo.

– Não vos responsabilizeis pela morte do vosso colega, ele mereceu.

– Mereceu como, mereceu porquê? Chega de mistérios, eu quero a verdade.

– Tranquilizai-vos, padre, depois do que vistes e acompanhastes nossas palavras já farão sentido. Sentai-vos, padre, a história é muito longa.

O padre Álvaro obedeceu. O rei tossiu como que afinando a voz.

“Esta tosse deve ser o início de uma grande mentira.” Pensou o padre Álvaro que olhava atento para o rei que começou a falar.

– A história começa com a criação do mundo. Quando Deus criou o mundo, passou a viver nele. Com os homens e os anjos. Diz a nossa tradição, que ele tinha a sua residência no Huambo, um verdadeiro paraíso. Aqui bem pertinho de nós.

– Vós estais a dizer que Deus viveu cá na terra antes de partir para o céu?

– Isto mesmo, padre.

-Mas...

Deixai-me continuar, padre, eu sei que isto entra em contradição com a vossa doutrina, mas se não conhecerdes o fundamento da nossa doutrina não compreendereis o nosso modo de vida. Deus deixa a terra quando se desentende com o seu anjo de confiança, o seu braço direito. Foi nesse tempo que começou a guerra que enfrentamos até hoje.

– Não estou a entender nada.

– Eu disse que a história é muito longa, padre. E é esta história que fundamenta a nossa vida, que justifica os nossos comportamentos, a nossa maneira de viver. É esta história que temos tentado dizer a vós europeus. Vós não nos ouvis e apenas vos interessais com as nossas terras e o que de bom temos. Vós dizeis que o africano é bruxo, é feiticeiro porque não entendeis o que se passa realmente. O nosso feitiço é a nossa única arma de defesa – parou perante o olhar crítico e atento do padre. – Voltemos à nossa história. Deus quando criou o mundo, criou apenas o homem, não criou a mulher.

– Isto é falso – vociferou o padre – a Sagrada Escritura diz que Deus criou o homem e a mulher...

– Ao mesmo tempo?

– Obviamente que não. Primeiro fez o homem e depois a mulher.

– E isto aconteceu no mesmo dia?

– Não posso contradizer a Bíblia, mas Deus fez a mulher quando viu que o homem estava só.

– E quanto tempo achais que o homem terá ficado só?

– Não deve ter sido muito tempo...

– Pois, foram muitos anos. Diz a nossa tradição que certo dia estavam reunidos no palácio divino, Deus e o seu braço direito, Lúcifer. Só os dois. Até hoje, ninguém sabe sobre o que falaram e sobre o que discutiram. Acredita-se que Lúcifer teria falado alguma coisa a Deus que Este não gostou e exonerou e expulsou Lúcifer do seu palácio. Por várias vezes Lúcifer tentou reconciliar-se

com Deus, mas Deus não aceitou. Então, Lúcifer tentou chantagear Deus, que se não dizendo recebesse de volta diria muitas coisas aos homens e aos anjos.

– Que coisas são estas?

– Ninguém sabe, ele nunca chegou a dizer. Deus descontente com o seu comportamento expulsou-o para fora e longe do seu palácio. Assim, Lúcifer passou a viver errante pelo mundo, até que chegou a estas terras onde estamos hoje, nesta Caconda e fez daqui sua casa. Vivia naquela gruta com que o padre já sonhou.

– Não pode ser...

– É a mais pura verdade, padre. Passado algum tempo, Lúcifer Começou a roubar os homens e a trazê-los para aqui. Formou um grande exército e combateu contra o exército de Deus. Lúcifer foi vencendo todas as guerras.

– Mas como os humanos, simples mortais, foram vencendo os anjos, os deuses de Deus?

– Lúcifer descobriu que os homens eram mais fortes que os deuses, que os anjos.

– Os homens mais fortes que os deuses, Como assim?

– Lúcifer descobriu que os homens têm uma faculdade, um lado emocional que os anjos e os deuses não têm. E que este lado dos humanos, pode levá-los a fazer o mal.

– Quereis dizer que foi Deus quem colocou o mal no homem? Que o mal é algo que está dentro de nós?

– Não. No princípio o homem era bom e só fazia o que era bom. Era como uma criança que não sabe o que faz, não tinha consciência do que fazia. Por isso só fazia o bem, apenas o bem. Lúcifer descobriu que o homem tinha desejos, mas que estavam adormecidos. Bastava accioná-los, activá-los logo, logo, homem perderia a sua

Inclinação divina para o bem e deixaria de saber o que é o bem. E assim fez.

– Quereis dizer que no princípio o homem não tinha esta capa Cidade de escolha, o que é isto o que é aquilo, quer dizer, não tinha a faculdade de liberdade? E que Lúcifer veio activar isto no homem. Fazendo com que ele começasse a escolher o que lhe parecia bom...

– Organizando as ideias como vós organizais, filosoficamente, diríamos que sim.

– E como ele activou o desejo no homem? Ordenou que se envolvessem sexualmente.

– Isto é homossexualismo – vociferou o padre pondo-se de pé.

– E o começo do homossexualismo. Quando os homens se envolviam sentiam-se mais fortes, tornavam-se mais robustos e mais destemidos. Quando Deus viu o poderio de Lúcifer aumentar, teve de pensar numa maneira de derrubá-lo. Fechou-se no seu palácio. Depois de alguns dias, do palácio não paravam de sair mulheres atrás de mulheres. Deus fez tantas e tão belas e duas vezes mais fortes que os homens, isto é, as mulheres teriam uma capacidade emocional duas vezes maior que a dos homens, o que significa, até certo ponto, que dariam prazer duas vezes mais que os homens. Bastava olhar para elas que os homens sentiam-se possuídos pelo desejo de as possuir. Deus distribuiu-as aos seus homens para que se tornassem bravos guerreiros. As mulheres iam para guerra para seduzir os homens de Lúcifer. Os homens de Lúcifer começaram a ser controlados pelos homens de Deus, graças a ajuda sedutora das mulheres. Aos poucos Lúcifer foi perdendo a guerra, até que um dia em combate foi morto. Uns dizem por uma mulher, a Sambele, por quem ele se apaixonara, outros dizem que foi o chefe do exército de Deus, o velho Katulu. Mas nós ensinamos e preferimos o velho Katulu, porque este era da confiança de Deus e conhecia muitas coisas que Deus lhe transmitia directamente. Quando Lúcifer morreu os seus homens o enterraram aqui.

-Na gruta negra?

-Obviamente.

O padre Álvaro permaneceu em silêncio aterrorizadamente pasmado com o que lhe parecia tamanha blasfêmia e atrevida heresia.

“Se estivesse na Europa colocar-vos-ia na fogueira.” Pensou. Irritado disse rispidamente:

– Isto é mais uma das Vossas fábulas africanas. Deus fez o homem e a mulher à Sua imagem e semelhança. -Então é... como é que dizeis mesmo... hermafrodita.

– Não. Não, ele não tem sexo.

– Se não tem sexo como pode ser pai de Jesus Cristo?

– Isto é antropomorfismo.

– O que é isto?

– Vós estais atribuindo comportamentos humanos a Deus.

– Padre, as filosofias ficam para outro momento. Pergunto-vos; achais normal o que vistes na noite de ontem para hoje? Eu entendo que vossa filosofia pode justificar dizendo que o homossexualismo é um desvio de comportamento ou uma opção, mas para nós é uma prática demoníaca. Um homossexual está possesso do demónio. O túmulo de Lúcifer está a ressuscitar e tem poderes. Qualquer um que entrar naquela gruta, mesmo em sonhos, volta dela, homossexual, corrompido, contaminado e, depois, contamina os outros. Isto é uma verdade inquestionável, vivemos isto todos os dias, lutamos contra isto todos os dias. Em breve, em breve Lúcifer ressuscitará para continuar sua guerra. Se não impedirmos que isto aconteça todos nós seremos por ele vencidos e voltará a dominar a terra.

– Um momento, o padre Abreu...

– O padre Abreu deixou-se corromper voluntariamente. Ele fez pacto com Lúcifer, em troca prometeram-lhe o poder papal.

– Não pode ser... As coisas começam a fazer sentido... Mas o quê de tão importante terá ele feito para Lúcifer?

– Padre, quereis saber a verdade, eu vos direi toda a verdade, por mais absurda que ela vos pareça. O homossexualismo, a doença que assola a nossa comunidade, apanha-se por contágio, envolver-se com alguém que esteja contaminado, ou no sonho entrando na gruta negra, no túmulo de Lúcifer. O padre Abreu queria contaminar-vos envolvendo-se com vossa pessoa, o que não aconteceu graças à intervenção rápida de Madalena. O plano de Lúcifer é alterar tudo isto. Ele pretende que o contágio seja mais rápido, para que todos, desde o nascimento, se submetam a ele. Ele pretende que o contágio seja, não só transmissível sexualmente ou entrando na gruta, mas hereditário. Foi assim que contratou o padre Abreu para fazer uma filha que seria mãe dos seus filhos.

– Então, ele mentiu-me dizendo que organizastes tudo para que se envolvesse com... – o padre fez uma pausa, passou a mão pelos cabelos – quereis dizer que Madalena...

- É padre, Madalena é esposa oficial de Lúcifer. Ela nasceu para ser mãe de todos os homossexuais.

– Não estou a acreditar em mais nada.

– Padre, assististes a um ritual. É o ritual da comunhão, onde todos se fornicam no mesmo lugar, todos contra todos. É uma festa.

– Então o mal do homossexualismo consiste...

– Porque é obra de Lúcifer. Interpretação não interessa agora, vamos aos factos. Padre, já ouvistes falar dos jagas. Os jagas são conhecidos de bravos guerreiros, mas de onde vem o seu poder Os jagas são soldados de Lúcifer. Estão organizados secretamente e tinham como chefe máximo o padre Abreu.

– O quê? – O padre via-se cada vez mais confuso.

– Os jagas estão espalhados por todas estas terras, agora cer-

caram-nos, pois querem entrar a todo o custo aqui porque dizem Ne esta terra lhes pertence. Nós estamos aqui para impedir que isto aconteça.

– Desculpai, mas isto tudo é...

– Eu entendo, padre. Mas se é de provas que quereis, dar-vos-ei mais uma.

Madalena não sabe qual é o papel nesta história e é bom que ela ainda não saiba. Para o projecto de Lúcifer não falhar ele fez de Madalena uma mulher invulnerável, em seu corpo não entrará nada, nem ferro, nem pau, nem doença alguma, fez dela imortal até ela dar à luz o seu primeiro filho. Isto, Padre, podeis provar.

XXVII

O padre Álvaro olhava para o rei como quem sabia de antemão que tudo era mentira. A convicção e a seriedade do rei ao falar fazia O padre oscilar que nem um pêndulo, entre o acreditar e o duvidar. Mas, mais pendia para o duvidar.

– Os jagas estão em toda a parte, estão espalhados por Angola inteira – disse O padre.

– Isto não constitui ameaça; dizem os mais velhos “se quereis despensar um enxame, matai a abelha-mestra”. Se conseguirmos expulsar Lúcifer da terra, todos os que estão corrompidos enfraquecerão. Andarão escondidos pelos cantos, serão discriminados e isolados. O poder de contágio diminuirá. Nessa altura, o nosso exército andarà de aldeia em aldeia a localizá-los e exterminá-los para que não fique nenhuma semente de Lúcifer na terra.

– Afinal, os jagas não são canibais, são homossexuais...

– É isso mesmo, padre. As pessoas acham que os jagas são canibais porque eles levam as suas vítimas, não para os matar, mas para um lugar onde eles acham seguro para os fornicar. A vítima depois de contaminada torna-se um deles.

– E os mortos que são encontrados na floresta?

– São jagas mortos pelo nosso exército.

– E como pretendeis expulsar Lúcifer da terra?

– Com a vossa ajuda.

– Como? O padre Álvaro gritou assustado.

– Só um verdadeiro baptizado em nome de Jesus Cristo e que nunca se deixou contaminar sexualmente, sem mancha de pecado pode exorcizar a gruta.

– E se vos conheceis a solução porque não vos deixais baptizar, esperais que que alguém venha de fora para fazê-lo?

O rei permaneceu calado por uns instantes sob o olhar atento do padre Álvaro.

– Vossos colegas e vossa pessoa só quereis baptizar-nos caso entreguemos o nosso feitiço.

– É obvio.

– O feitiço tem sido a nossa única arma de defesa. A nossa única segurança. Só poderemos abandoná-lo quando Lúcifer tiver sido expulso da terra.

– Mas o feitiço é obra de Lúcifer. Não vedes que lutais entre vós?

– Padre, sois vós europeus que andais a dizer “se quereis a paz acumulai muitas armas de fogo”. Se a terra é de Lúcifer e eu quero Viver na terra, então tenho de ter o poder de Lúcifer.

– Está bem. Se eu for exorcizar a gruta aceitais ser baptizado?

– Padre...

– Eu irei lá caso aceitais ser baptizado, todos.

– Se não o expulsarmos, ele será dono da terra e, aí padre, estaremos todos contaminados e corrompidos. Por isso, nada de negociações, porque é, também, o seu futuro que está em jogo.

O padre Álvaro voltou para casa com a cabeça perdida entre milhares de ideias e cheio de medo. Não decidiu diante do rei se exorcizaria a gruta. Nunca tinha feito tal coisa. Não contava com tamanho inimigo; bem sabia que tinha de converter canibais, tinha de converter pagãos, mas nunca imaginou que tinha de lutar com o próprio demónio, ainda mais o próprio Lúcifer.

“Se não conseguir?” Perguntava-se constantemente. Dirigiu-se a cozinha onde estava Madalena.

– O corpo do padre Abreu já foi a enterrar – disse Madalena.

– Devíamos ter feito uma pequena oração – reclamou o padre. Aos contaminados nada se faz. Os homens do rei é que o vieram buscar.

O olhar do padre incidiu sobre a faca que estava sobre a mesa, ao lado da carne fresca que Madalena preparava para cortar.

– Deixai-me ajudar-vos. Dai-me a faca – disse o padre exigente.

“Madalena invulnerável. Será mesmo verdade? Posso saber agora. Se for verdade então tudo é verdade, se deitar uma pinga só de sangue então tudo é mentira. “

– Madalena, pega do outro lado, aqui, assim... isso...

Orientava o padre, procurando um jeito de cortar Madalena. “Preciso fazer parecer um descuido. Como vou fazer de forma para que ela não se aperceba que foi propositado?”

O padre apressou-se em passar a faca pela mão de Madalena quando ela olhou para a panela que estava no fogo.

– Desculpe, que desajeitado sou eu.

– Não vos preocupeis, padre, não foi nada.

– Como não, eu feri-vos...

– Não, padre. No meu corpo não entra nada.

– Como sabeis?

– Foram várias as vezes que me ia ferindo mas nada. Olha...

Madalena recebeu a faca e com força passou sobre sua mão. Nenhum ferimento. “Então é tudo verdade!”

Espantou-se, o padre Álvaro.

XXVIII

O conselho do rei estava satisfeito pois convenceu-se que o padre aceitaria o desafio. Uma das suas visitas pouco animadoras entrou no palácio. Era o chefe da guarda do rei. O grande feiticeiro não tirou o olho de cima dele um só instante.

– Tukwete ocitangui cinene (Temos um grande problema) – disse o chefe da guarda.

– Vangula (Falai) – ordenou o rei.

– Ovacyaka vangila k’etumbu lyetu (Os jagas entraram na nossa aldeia).

O conselho estremeceu de medo.

– Eci capita ndati? Pi akasi Kalunga la tchombolola? (Como isso aconteceu? Onde estão Kalunga eo Tchombolola?)– Perguntou o rei furioso.

– Tchombolola vo wipa, Kalunga okasi lavo, voyuilua (Tchombolola morreu, Kalunga está contaminado).

– Oci ndati? (Como sabeis?)

– Twakala Kumosi, ei wakatalamelā ko volwi. Wasusila kovava Okuyuela nda ukai. Nda mola akuti eye olinga nd’ukai (Estávamos juntos quando ele foi ao rio mijar. Mijava na água fazendo barulho como uma mulher quando mija na água. Percebi que ele tem comportamento de mulher).

– Vakasi kupala? (Estão longe?)

– Hela vapitila kulo (Amanhã estarão aqui).

– Akulu lingiko cimwe oco valivale po kamwe, ndipopya l’oci tunda kaliye (Velhos, façam alguma coisa para atrasá-los, enquanto eu falo com o padre). Temos de exorcizar a gruta agora, já!

XXIX

Padre precisamos de vós, já! – Disse o rei ao ver o padre entrar.

– Agora, como? Eu preciso me preparar.

– Não temos muito tempo. Os jagas conseguiram contaminar nosso chefe da segurança interna, o velho Kalunga e mataram o jovem Tchombolola, o chefe da segurança externa, destruíram todo o nosso feitiço e já estão no nosso território, amanhã estarão aqui. Padre, tendes de exorcizar a gruta agora. – Estais com medo, padre?

O padre Álvaro nunca tinha assumido tão grande responsabilidade. Tremia tanto de medo que começou a duvidar do poder da oração. Que palavras utilizaria, para qual santo rezaria, pediria protecção, força e coragem, qual deles seria o mais forte? Começou a sentir-se incapaz. Diante da gruta quase ia dizendo “desisto”, quando o rei perguntou.

– Estais com medo, padre?

– Não. Não...

– Ótimo. Um homem puro não precisa dizer muitas coisas, basta pronunciar o nome de Deus com fé.

“Valeu o conselho e o encorajamento.” Pensou o padre. Olhou para o grande feiticeiro que o acompanhava na difícil tarefa. Respirou uma certa confiança. “Que engraçado! Sinto-me mais seguro com o grande feiticeiro ao lado. Porquê? Momento não para fazer filosofias, mas concentrar-se no trabalho.”

Desceram até a entrada da gruta negra. O padre Álvaro nunca estivera tão perto; olhava admirado o quanto a luz não ultrapassava o limiar da gruta.

“Concentrai-vos, não vos distraís demasiado do que vos trouxe cá. Mas isto é um fenómeno!” Pensou o padre admirado, Observou atento, o limite da entrada da gruta, era o término da luz vinha de fora e o início da escuridão no interior da gruta. O grande

feiticeiro tomou um facho e entraram. O padre Álvaro sentiu um arrepio, de seguida começou a sentir calor. O grande feiticeiro passou à frente. A casa parecia subdividida que nem um labirinto, eram tantos os corredores quantas eram as possibilidades de nela se perder. O padre Álvaro caiu de susto ao ver um conjunto de crânios espalhados pelo chão; o grande feiticeiro ajudou-o a levantar-se. A água benta que levava escorreu pelo chão tendo despertado o forte espírito de Lúcifer.

– Fetika ocitunda, twopasula, eye youhiya (Começai padre, acordámo-lo, ele está vindo) – disse o grande feiticeiro. O padre pegou no aspergidor e começou a borrifar água benta para todos os lados, atrapalhadamente.

– Sai satanás, sai. Em nome de Deus eu te ordeno: saia deste lugar. Abandonai esta gruta já...

O espanto assombrou o olhar do grande feiticeiro ao ver o clérigo bater-se contra a parede de um lado para o outro, deixou cair a caneca que levava, começou a gritar e a contorcer-se desmedidamente.

– Uonila (Lúcifer entrou nele) disse despreocupado o grande feiticeiro vendo o padre xingular.

Cuspiu no pequeno crânio de gato na ponta da sua bengala e com força bateu nas costas do clérigo. Este caiu imóvel. Grande foi o desespero do rei ao ver o padre ser levado para fora da gruta completamente inconsciente.

XXX

Entrou o rei no quarto onde se encontrava a dormir o padre.

– Como está?

– Andi kakasi ciwa (Ainda não se recuperou) – respondeu o grande feiticeiro.

– Ele tem de recuperar. Não temos tempo a perder. Lúcifer agora renascerá definitivamente e virá ao nosso encontro.

– Citava oco ndulinge londjanga? (Posso acelerar a recuperação dele?) – Perguntou o grande feiticeiro.

Olharam-se em silêncio. O rei olhou o corpo deitado do padre, voltou a olhar O grande feiticeiro e consentiu em silêncio. Sem nada dizer saiu do aposento.

Na manhã seguinte o padre estava bem recuperado.

– Peço desculpas por ter falhado e não...

– Não vos preocupeis, padre. Neste momento nenhum de nós está à altura de censurar ninguém, somos todos um nada diante de Lúcifer. Temos de encontrar uma solução para acabar com ele. Nós o despertámos e ele virá ao nosso encontro.

– Hoje?

– Hoje sim, padre.

– Que faremos?

– Vamos esperá-lo.

– Os jagas vão matar-nos...

– Lúcifer não mata ninguém. Ele odeia os mortos, não ganha nada com eles, antes pelo contrário, só lhe dão demasiado trabalho. Ele gosta dos vivos. Estes, sim, dão-lhe bastante satisfação, porque são que fazem ele ser o que é.

– Tendes algum plano?

– Pensei no seguinte: não vencemos nem venceremos Lúcifer na sua própria casa. Foi um erro nosso, mas também uma vitória porque apressamos a sua vinda. Ele não vai matar-nos porque sabe que mortos não prestamos para nada. Ele gosta de nós vivos e quer-nos vivos para assistirmos e servirmos a sua vitória. E nesse momento que tentaremos outra vez.

– Mas como?

– O grande plano de Lúcifer é engravidar Madalena para que seus filhos nasçam já contaminados. Para a engravidar ele terá de se transformar em homem, só assim conseguirá envolver-se com Madalena e ejacular dentro dela. Quando um homem ejacula, padre, por uns instantes deixa de ser ele mesmo, fica vazio de tudo. E é nesse instante que o padre deverá exorcizar com toda a força.

– Achais que resultará?

– Talvez sim, Talvez não.

– Mas como vou saber que ele está a ejacular?

– Padre.

O rei foi interrompido quando um dos seus guardas chegou a dizer que Madalena estava a xingular. Ele já está entre nós gritou o rei – vamos ao encontro dela. O grande feiticeiro passou em frente evitando que o poder de Lúcifer os bloqueasse. Aproximaram-se do aposento de Madalena; de fora ouviam os gemidos de prazer. Os gritos se intensificavam. O grande feiticeiro estava atento para avisar ao padre o momento em que devia entrar.

– Padre, estai preparado, esta é a nossa única e última chance – disse o rei.

O padre parecia desesperado e nervoso com medo de voltar a falhar.

– Vaciya vapitila ale (Os jagas estão aqui na aldeia) – disse o

grande feiticeiro que com os olhos fechados segurava fortemente sua bengala.

– Kavakanile kulo (Não deixai que entrem aqui) ordenou o rei

– Kaliye (Agora)- gritou o grande feiticeiro. dAIIICA nO ãisSE.:

O padre Álvaro entrou pela porta muito rapidamente, segundos depois voltou e disse.

– Ela está nua.

– Voltai para dentro padre, já – vociferou o rei assustando mais ainda o padre.

– Ela está sozinha – insistiu o padre.

– Ele está com ela, padre, vós é que não podeis vê-lo – gritou o rei.

O padre entrou novamente precipitadamente.

– Nduimba ociteke oco amõle uhalo wahe? (Vou fazer feitiço para ele ver roupa nela?) – Perguntou o grande feiticeiro.

– Akale. Amõle muele ndomo akasi (Deixai assim. Ele deve ver as coisas tal como são).

– Saia Lúcifer, eu vos ordeno em nome de Deus nosso Pai, saia desse corpo. Em nome de Jesus Cristo, abandonai esta pobre alma. Saia Lúcifer, libertai esta menina...

O padre começou a transpirar, pois Madalena rebolava de prazer, os gritos intensificaram-se fortemente parecendo estar a chegar ao auge do prazer e da plena ejaculação. Mesmo assim o padre continuava sem parar. O medo e o pavor estarreceram o rei o canto da parede ao ver o grande feiticeiro estatelar-se no chão. Ele que estava a controlar o padre agora Lúcifer lutava contra ele; certamente o padre já fora dominado. – Pensou o rei. O grande feiticeiro agarrou no seu próprio pescoço, e parecia apertar cada vez mais, a sufoca-se, xinguilava sangrando, pela boca. O padre saiu

do aposento para o corredor, tentou exorcizar o grande feiticeiro, mas foi tarde demais. Morreu. Cruzou um olhar com o rei e ambos, precipitaram-se para dentro do aposento de Madalena. Viram que ela parecia desmaiada, o rei aproximou-se e notou que respirava, Taparam-na e olharam-se duvidosos.

– Conseguimos? – Perguntou o padre.

– Há muitas maneiras de sabermos- respondeu o rei – Uma delas é os raios solares começarem a entrar a gruta, outra e mais rápida é...

O rei, olhando para Madalena, puxou uma pena de sua missanga à volta do pescoço e com a ponta picou no pé de Madalena. Fê-lo com tanta força que começou a sangrar.

– Conseguimos. Lúcifer não conseguiu...

– Não entendo.

– Vede, padre, deixou de ser invulnerável. O que significa que Lúcifer á não está nela. Ele deixou-a. Ele foi embora, não conseguiu terminar o seu plano. Conseguimos.

Os risos desordenados reflectiram-se nos seus rostos.

– E agora, o que faremos com a gravidez?

– Padre, não entendeis, se ela deixou de ser é porque não está grávida. Lúcifer não deixaria um projecto de muitos anos sem o mínimo de segurança, pois não?

XXXI

Saíram de dentro do quintal, o padre e o rei; depararam-se com uma grande multidão, toda a comunidade aguardava ansiosa e temerosa o exorcismo. O povo temeu mais quando notou a ausência do grande feiticeiro. O protector da comunidade, não vinha com eles. O rei olhou, atento, o seu povo e gritou alegre.

– Twacitela (Conseguimos....)

O povo gritou de alegria, os pés descalços fizeram levantar a poeira estendida no chão, que sobrevoou o espaço, como se fosse de um remoinho. Uma linda jovem entrou na roda e com sua anca atrevida dançou exuberantemente, tendo paralisado o olhar do rei. Este puxou o guarda a seu lado e perguntou.

– Elye kafeko u opiluka calwa? (Quem é aquela jovem que dança muito bem?)

– Omola y’ukulo Ndembele (É filha do velho Ndembele) – respondeu o guarda.

– Noke, popya ku kwaye oco apitile k’ondjo (Depois, diz a ela para aparecer lá em casa).

– Rei, vós não conseguis admirar o belo sem dele se aposar? – Perguntou o padre intrigado com o que ouvira – Tendes cinco mulheres.

– O futuro não me reservará mais, pois quem não aumentar agora, a lei o há-de condenar.

– Ela é uma criança.

– Olhai para os seios dela, a bunda, obviamente já se tem embrenhado nos arbustos com outros.

– Esta ainda não tem juízo.

– Terá, padre, terá...

Aproximou-se o chefe da guarda do rei e disse.

– A Soma, twakuata ovaciyaka vyosi vanilla. Tu vatesula kaliye? (Rei, apanhamos todos os jagas que entraram na nossa aldeia. Matámo-los agora?)

– Porque matá-los? Podeis curá-los como curaram a mim respondeu o padre.

– Só podemos curá-los com feitiço – respondeu o rei.

– O feitiço é mau quando é usado para fazer o mal, se for para salvar vidas e aproximar as pessoas junto de Deus, não vejo mal nenhum...

– Padre, dizeis isto com verdade ou quereis mais gente para baptizar? – Perguntou o rei que riu alegremente.

A comunidade conheceu novos tempos, os aldeões passeavam para bem longe da aldeia, entravam e saíam da gruta, já não havia perigo nem ameaça nenhuma. Caconda tornou-se numa aldeia bastante alegre e cheia de vida. O rei chamou o velho Tchikola ao palácio.

– Chamei-vos, para vos dizer que decidi que o povo seja baptizado.

– Nye? Tusia cosi cetu oco tu kale ndindele? (O quê? Deixaremos tudo para sermos como os brancos?) – Interrogou em desacordo o velho Tchikola.

– A maneira de pensar dos brancos faz com que eles tenham uma vida melhor. Eles têm uma maneira de utilizar o pensamento que é bastante admirável.

– Ovo vacitela okusima, etu sio. Omangu veyá vatuyupa (Eles sabem pensar nós não sabemos. Eles vão nos dominar).

– Nós podemos aprender.

-Teke lipi? Katuvasingi ale kokusima kwaco. Etu takala ndomo tukasi oco vatusumbe (Até quando? Por mais esforços que fizermos nunca pensaremos como eles. Mas se vivermos, como vivemos, eles nos respeitarão).

– O nosso modo de vida não nos deu palácios de reis, o nosso modo de vida não nos deu armas de fogo, o nosso modo de vida não nos ensinou a guardar O pensamento no papel, a fazer o livro, livro...

– Ekanda, ekanda, nye tulinga lavyo? Tukasi ciwa ndomo tukasi (Livros, livros para quê? Estamos bem assim).

– Katukasi. Vejais, o jovem Kandulu foi à caça e guardou uma parte da carne. Não apresentou. Porquê? Porque acha uma injustiça dividir, por igual, com quem não trabalhou. Vejais, o velho Tchindemba morreu e todos os seus bens foram entregues aos sobrinhos. E os dez filhos que deixou? Desde que perderam o pai a vida deles mudou para o pior. Eu não quero que isto aconteça com os meus filhos.

– Okasi okutila, vandja ngo ndomo okasi okusima? Walilinga ndocindele, apa kasi ekanda no, ekanda no, neno Umbundu ku popi vali (Estais fugindo, vejais só como pensais? Tornastes-vos branco, onde estais é só livro, livro, até a nossa língua, o Umbundu, já não falais...).

– Aco kwoco. Não é isso. Graças ao bom uso do pensamento que conseguimos expulsar Lúcifer. Se o pensamento nos deu a Paz e tranquilidade pode dar-nos mais, mais. Por isso, daqui para diante, todo O mundo vai começar a usar o pensamento. Vamos abrir escolas e ensinar todo o mundo a ler e a escrever. E tudo o que acontecer vamos guardar por escrito, para que a história que eu contar hoje seja contada, sem acréscimo, amanhã!!!

– Cilinga nye? Tukala luhoa wetu. (O que importa isso? Pode continuar fechados com o nosso feitiço.) O problema maior é que dentro em breve os brancos serão donos das nossas terras. Eles têm armas, matar-nos-ão a todos e receberão as nossas terras como estão a fazer no norte.

– Etu tulisoleka luhoa wetu oco kavatumole... (Nós temos o

nosso feitiço, podemos fechar-nos e eles jamais entrarão aqui..)

– Nos só temos o feitiço, eles têm as armas e o pensamento, se pensarmos como eles não vamos perder as nossas terras, por que vamos negociar.

– U olandisa kapopya cosi cafina ko... (Quem negoceia não mostra todas as vantagens...)

– Eu entendo. Para mim. Mais vale perder um pouco que tudo.

– Oco tusia okusima kwetu. Tu kwama Suku yavo? (Assim, deixaremos de ser como somos e passaremos a seguir o Deus deles?).

– Oco mwele. (Exacto).

– Ene oci akuti suku yavo kasole akai valoa...(Sabeis que o Deus deles não admite a poligamia...)

– Eye vakwete esunga (Eles têm razão). Assim, os velhos e sobas não poderão exigir nem tirar proveito dos bens da comunidade para aumentar o número de mulheres.

– Ene kukweti olondunge. Linga lika lyove, ame sikasipo (Não tendes juízo. Fazei isto sozinho, eu não me responsabilizo).

– Disse o velho retirando-se. Cruzou na saída com o padre Alvaro que acabava de chegar. Olhou para o padre ferozmente e nada disse. O padre entrou.

– Algum problema? – Perguntou o padre olhando para a porta.

– Nada importante.

– Rei, o que querieis dizer com “baptizar mais gente”?

– Que aceito ser baptizado e toda a aldeia. O padre sacudiu-se de contentamento. Reconhecestes o poder de Deus? O poder de Deus todos nós conhecemos. É que milhares de anos e se passaram e nos africanos paramos no tempo. Vedes este palácio, esta cubata?..., vedes como são as nossas aldeias? Elas foram sempre assim. Porque? Claro que Lúcifer atormentou as nos-

sas vidas, mas ele não é o único culpado. A nossa obediência cega s vontades dos nossos antepassados, obrigou-nos a preservar costumes, ideias, comportamentos que fazem de cada um de nós cada vez menos trabalhador, menos lutador e nos mantém parados. Padre, foi boa a experiência de não dormir, porque tinha de pensar numa forma de destruir Lúcifer. É o pensamento, padre, pensamento.

– Se for da vossa vontade construiremos escolas onde todos aprendam a ler e a escrever.

– E isso mesmo, padre. Não só eu gostei muito do Cristianismo, porque respeita a vontade do próximo.

– O catecismo Cristão é muito rico e cheio de coisas boas, por isso, é que tem o nome de Boa Nova.

– Padre, eu vou reunir a comunidade para começarem a estudar o catecismo, para que sejam baptizados domingo que vem.

– Já?

– Quereis perder mais tempo? Não. Obviamente que não.

– Outra coisa, padre... Os que têm muitas mulheres poderão ser baptizados?

– Só se deixarem outras e ficarem com uma só. O Cristianismo não admite a poligamia.

O padre olhou sério o rei que ficou mudo. Segundos depois contorceu-se de risos e disse.

– Estou a brincar. Quem tem duas ou mais mulheres continua com elas, mas depois de baptizado não poderá acrescentar mais nenhuma e, daqui para diante, a poligamia acabou.

– Como é bom o pensamento... cria leis, ainda bem que já tenho minha reserva... – disse o rei rindo. – Mas ainda assim, há coisa que não consigo entender direito.

- Sobre o quê?

- Vós levais a vida muito a sério, padre, mas respondeu-me à seguinte pergunta: um homem comprometer-se até à morte com uma só mulher o que será das outras, se há mais mulheres que homens?
 - Se Jesus disse que o homem se unirá à sua mulher e os dois serão um só, então sabe o destino das outras mulheres. Ele como filho de Deus conhece o mundo melhor que todos nós.
 - Pode ter a sua razão. Mas como entender nessa passagem de Jesus que Ele se referia apenas a uma única mulher e não a várias?
 - Por duas razões. A primeira, porque ele diz à sua mulher e não às suas mulheres, a segunda porque ele diz os dois serão um só e não as várias e ele serão um só.
 - Entendo, está bem claro.. Qual será, padre, o índice de divórcio nas vossas terras, na Europa?
 - O que Deus uniu não pode o homem separar. Não temai, rei, confiai em Deus e vereis que muitas coisas mudarão para melhor.
 - Acredito que muitas coisas mudarão, mas os sentimentos, as emoções, os desejos, isto não sei não... ok, mba... duvido só.
 - Crêde em Deus Pai aquém nada é impossível. O rei ordenou a toda a aldeia que todos os aldeões deviam ser baptizados e, doravante, teriam todos uma única religião, a Cristã.
- O padre Álvaro andava bastante ocupado, mandou construir novo altar, ensinou as bases do catecismo e organizou um grupo de cantores. A expectativa do padre, sobre a primeira missa, tão grande que deixava o padre sem saber o que fazer de concreto. Andava de um lado para outro, numa correria muito veloz. Chegou o dia da missa e toda a aldeia estava reunida em volta do altar. O jovem sacristão preparava-se para ajudar a missa. O padre o chamou-o e disse-lhe.
- Esta é a minha primeira missa, quero que ela seja um sucesso. Fiz muito esforço para aprender um bocado da língua, quan-

do eu estivera atrapalhar-me Ou a não agradar à assembleia faz- -me m sinal, puxa-me pela batina.

– Está bem, padre.

A missa teve início pelas oito horas de Domingo. Toda a aldeia estava presente, velhos, jovens e crianças. Cento e trinta aldeões seriam baptizados. A meio da homilia, o padre sentiu um puxão do sacristão. Não deu importância. Continuou falando tendo mesmo aumentado o tom da voz. Sentiu outro puxão. Mesmo assim continuou falando. Desta vez o puxão foi maior, e o padre parando de falar, voltou-se para o seu banco e sentou-se.

– Não. Não vos sentai, padre, continuai, está a falar muito bem, continuai – disse o jovem acólito.

O padre Álvaro ergueu-se rapidamente e continuou a sua homilia. Parece que se esqueceu do grande número de baptizados que tinha, pois a sua homilia demorou quase cinco horas. Finda a mesma, começaram os baptismos; O primeiro foi o rei que se aproximou do altar. O padre Álvaro pousou a mão sobre a cabeça do rei e disse:

– Rei Tundulu Ekwasama, de hoje em diante sereis chamado Dom Pedro de Azevedo. Dom Pedro de Azevedo eu vos baptizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

– Amém.

O rei saiu do lado do sacristão e baixinho disse-lhe:

– Eci kaciyongola okupopya akuti tu fetika okutyana olohwi (Isto não significa que agora vamos começar a buscar lenha).

“Os fortes fornicam os fracos, Os fracos fornicam-se entre si. É a lógica da evolução natural. Os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Será Possível mudarmos isto?- **O quê será de ti, ó África?!**”